

FACULDADE CANÇÃO NOVA

WEDSON CHARTUNI DUARTE

A REVELAÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM À LUZ DO MISTÉRIO DE
CRISTO A PARTIR DA *GAUDIUM ET SPES*.

CACHOEIRA PAULISTA - SP
2021

FACULDADE CANÇÃO NOVA

WEDSON CHARTUNI DUARTE

A REVELAÇÃO DA IDENTIDADE DO HOMEM À LUZ DO MISTÉRIO DE
CRISTO A PARTIR DA *GAUDIUM ET SPES*.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de Bacharel em Teologia
na Faculdade Canção Nova sob a orientação
do Prof. Dr. Lino Rampazzo.

CACHOEIRA PAULISTA - SP
2021

DEDICATÓRIA

A Jesus Cristo,
Verdadeiro Deus e verdadeiro homem,
que através do mistério da Encarnação
nos dá vida nova em plenitude
e no momento em que assume nossa fraqueza,
a natureza humana recebe uma incomparável dignidade.
Ao tornar-se Ele um de nós, nós nos tornamos eternos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus Trindade que me chamou, em seu eterno mistério de amor, para participar da sua vida e comunhão.

Agradeço aos meus pais e família que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado.

Agradeço a minha família Comunidade Canção Nova, que acreditou em mim e não mediu esforços para a realização dessa conquista.

Agradeço a todos os professores que ao longo desses anos de estudo me proporcionaram muito mais do que conhecimento, mas valores. De forma especial agradeço ao professor Lino Rampazzo, por aceitar ser meu orientador e ter desempenhado esse trabalho com tanta dedicação e amizade.

Agradeço a todos os amigos que me incentivaram na vida acadêmica e de forma especial na construção dessa monografia.

EPÍGRAFE

“O Homem é um mistério, deve ser desvendado.
E se tal levar uma vida inteira,
não digas que é um desperdício de tempo.
Eu estou preocupado com esse mistério
porque quero ser um ser humano”
(*Fiódor Dostoiévski, in Cartas selecionadas*)¹

“Em Cristo, de fato, a criação tem sua plenitude.
Não poderemos saber exaustiva
e profundamente
o que seja o homem sem antes
considerarmos Cristo,
que é o primogênito
de toda a criatura”
(*Simon Duraisamy Lourdusamy*)²

”Jesus Cristo,
Deus de modo humano e
homem de modo divino”
(*Schulte*)³

“O homem que quiser compreender-se a si mesmo
deve, com a sua inquietude, incerteza e
também fraqueza e pecaminosidade,
com a sua vida e com a sua morte,
aproximar-se de Cristo”
(*João Paulo II*)⁴

¹ Dostoiévski in <https://www.citador.pt/textos/o-homem-e-um-misterio-deve-ser-desvendado-fiodor-dostoievski>.

² Apud KLOPPENBURG, 1966, p. 75.

³ SCHULTE, 1997, p. 15.

⁴ *Redemptor hominis*, nº 10.

RESUMO

A revelação da identidade do homem à luz do mistério de Cristo a partir da *Gaudium et Spes* é o título da presente monografia, de cunho analítico-teórico. Dentro da linha de pesquisa teológica essa monografia versa sobre os aspectos relevantes do ser humano que encontra sua verdadeira identidade em Jesus Cristo, tendo como base os documentos conciliares e de forma especial a *Gaudium et Spes*. O caminho percorrido será a partir do mistério da criação que tem como ápice o ser humano, imagem e semelhança de Deus. Tendo este caído no pecado é redimido por Cristo que lhe revela a verdadeira identidade. Porém, a plenitude dessa identidade será contemplada no reino escatológico, onde temos a Virgem Maria como precursora e modelo.

Palavras-chave: Concílio; *Gaudium et Spes*; Cristologia; Antropologia; Identidade; Redenção; *Imago Dei*.

RIASSUNTO

La rivelazione dell'identità dell'uomo alla luce del mistero di Cristo a partire dalla *Gaudium et Spes* è il titolo di questa monografia, di carattere analitico-teorico. Nell'ambito della linea di ricerca teologica, questa monografia affronta gli aspetti rilevanti dell'essere umano che trova la sua vera identità in Gesù Cristo, sulla base dei documenti conciliari e, in modo speciale, della *Gaudium et Spes*. Il cammino intrapreso partirà dal mistero della creazione che ha come culmine l'essere umano, immagine e somiglianza di Dio. Caduto nel peccato, è redento da Cristo che rivela la sua vera identità. Tuttavia, la pienezza di questa identità sarà contemplata nell'ambito escatologico, dove abbiamo la Vergine Maria come precursore e modello.

Parole chiave: Concilio; *Gaudium et Spes*; Cristologia; Antropologia; Identità; Redenzione; *Imago Dei*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I - O MISTÉRIO DO HOMEM NA CRIAÇÃO	13
1.1 - O Mistério da identidade do homem como <i>Imago Dei</i>	13
1.2 - O Mistério do pecado original como ocultação da identidade do homem	17
1.3 - O Mistério da Encarnação como desvelamento da identidade do homem	21
CAPÍTULO II - O PRIMOGÊNITO DE TODA CRIATURA: CRISTO REVELA A IDENTIDADE DO HOMEM	26
2.1 - O mistério da redenção do homem em João Paulo II à luz da <i>Gaudium et Spes</i>	26
2.2 - A dimensão humana e divina no Mistério da Redenção	31
2.3 - A Redenção do homem como participação no sofrimento de Cristo	36
CAPÍTULO III - A IDENTIDADE SUBLIME DO HOMEM: PARTICIPAR DA VIDA DE CRISTO	41
3.1 - Filhos no Filho: a configuração do Homem a Cristo	41
3.2 - Ressurreição, transformação plena do homem à imagem de Cristo.....	45
3.3 - Maria: sublime identidade em antecipação.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

SIGLAS E ABREVIATURAS

CEC - *Catechismus Ecclesiae Catholicae*.

CTI - Comissão Teológica Internacional.

DS - *Denzinger-Schönmetzer, Enchiridion Symbolorum*: definições do magistério da Igreja

DV - *Dei Verbum* - Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Revelação

DAP - Documento de Aparecida.

FR - *Fides et Ratio* - Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II.

GS - *Gaudium et Spes* - Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo atual.

LG - *Lumen Gentium* - Constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja.

MD - *Munificentissimus Deus* - Constituição apostólica do Papa Pio XII.

RH - *Redemptor Hominis* - Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II

RM - *Redemptoris Mater* - Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II sobre a Mãe do Redentor

RS - *Recentiores Episcoporum Synodi* - Carta sobre algumas questões respeitantes à escatologia da Sagrada Congregação para a doutrina da fé.

STh - *Summa Theologiae*, Tomás de Aquino

SC - *Sacrosanctum Concilium* - Constituição do Concílio Vaticano II sobre a Sagrada Liturgia.

SD - *Salvifici Doloris* - Carta Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II

SS - *Spe Salvi* - Carta Encíclica sobre a esperança cristã de Bento XVI.

VS - *Veritatis Splendor* - Carta encíclica do sumo pontífice João Paulo II sobre algumas questões fundamentais do ensinamento moral da Igreja.

INTRODUÇÃO

O ser humano vive uma incansável e angustiante busca pela verdade, com constantes questionamentos a respeito de si mesmo e do mistério que o envolve como pessoa. É uma busca por sua própria identidade, ou seja, por aquilo que o caracteriza de forma própria e exclusiva e o diferencia de todas as outras coisas.

Muitas vezes esses questionamentos se confrontam com respostas vastas e diversas que vêm de um ambiente pluralista e marcado pela diversidade que, ao invés de saciar o desejo de realização existente no homem, gera mais questionamentos.

O Concílio Vaticano II através da constituição pastoral *Gaudium et Spes* aponta que os desequilíbrios vivenciados pelo mundo hodierno estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem, uma vez que no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem, nestes termos: “Enquanto, por uma parte, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outra sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas.” (GS, 10). Sendo fraco e pecador, o homem acaba por realizar o que não gostaria e o que muitas vezes gostaria de realizar não consegue (Rm 7,15).

O cristianismo se reconhece como a religião que procura dar uma resposta plausível às indagações humanas, a esse desejo que cada homem traz de adentrar no seu próprio mistério. Segundo a *Gaudium et Spes* “[...] só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem [...] Cristo, novo Adão na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação mais sublime.” (GS, 22).

A pretensão da presente monografia parte de uma das problemáticas da sociedade atual. Tal sociedade, cada vez mais mergulhada na cultura do individualismo, traz como resultado a perda do sentido e a falta de realização do homem que, em meio às constantes mudanças, não encontra sua verdadeira identidade.

Percebe-se ainda que o presente trabalho se torna mais relevante quando se confronta com as crises que a sociedade vive, sobretudo a de falta de sentido. Especula-se que tal cenário pode ser reflexo da insuficiente compreensão do mistério humano e de suas relações.

A Igreja, tendo consciência do seu dever, busca “[...] investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho para que assim possa responder, de modo adaptado a cada geração, às eternas perguntas dos homens a respeito do sentido

da vida presente e da futura, e da relação entre ambas.” (GS, 4). É necessário, portanto, “[...] conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu caráter tantas vezes dramático.” (GS, 4).

Existe ainda um temor de que a relação de dependência do homem com Cristo, liquide a autonomia de sua liberdade e coíba sua capacidade operativa, mas essa é uma visão distorcida da relação Cristo-homem, uma vez que, segundo concepção cristã, a dependência de Cristo e o configurar-se a Ele não gera alienação, mas libertação.

O Concílio Vaticano II ao falar sobre a Igreja no mundo atual, ressalta que devido às rápidas e profundas transformações que se estendem progressivamente em toda a terra, a humanidade vive uma fase nova da sua história. Segundo a *Gaudium et Spes*, essas transformações são “[...] provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas repercutem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como as pessoas.” (GS, 4).

Como se espera de qualquer crise de crescimento, essa transformação traz grandes dificuldades, assim expressas: “[...] o homem, que tão imensamente alarga o seu próprio poder, nem sempre é capaz de o pôr ao seu serviço. Ao procurar penetrar mais fundo no interior de si mesmo, aparece frequentemente mais incerto a seu próprio respeito.” (GS, 4).

Por isso, trabalhar o tema da revelação da identidade do homem à luz do Mistério de Cristo é de fundamental importância, uma vez que só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura daquele futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime (GS, 22). “E assim, por Cristo e em Cristo esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai!” (GS, 22). A reflexão do Vaticano II sobre o sentido da vida do homem de hoje, a partir da fé em Cristo, torna-se, assim, um tema teológico muito significativo que justifica ser aprofundado.

Este trabalho tem como objetivo geral demonstrar que o mistério da identidade do homem e sua problemática atual só é revelada plenamente ao ser assumida por Cristo. De fato, Cristo assume a condição humana para redimi-la com sua morte e Ressurreição. Esta realidade torna o homem capaz de participar da natureza divina, uma vez que lhe é devolvida a graça de se tornar semelhança d’Aquele que já é imagem. Mas, há sempre a

consciência de que a plenitude do conhecimento da identidade humana se dará apenas no Reino Escatológico. Vivem-se neste mundo certas antecipações, mas não ainda sua plena realização.

O primeiro capítulo da presente monografia considerará a Criação como expressão sublime do amor de Deus e que a negação desse amor gera o afastamento de Deus, o pecado. Porém é o próprio Deus que busca aproximar-se do homem através do mistério da Encarnação.

O segundo capítulo abordará a realidade de que Cristo revela o homem a ele mesmo e que através do mistério da redenção salva-nos do fechamento e o insere novamente em Deus.

Por fim, o último capítulo mostrará que o caminho que leva à identidade sublime é a participação na vida de Cristo, participação essa que comporta os sofrimentos próprios da vida humana e de peregrinos que somos nesse mundo. Sendo assim a identidade sublime do homem encontrará sua plenitude na ressurreição e no reino escatológico, tendo a Virgem Maria como protótipo de tal plenitude.

Do ponto de vista metodológico, a presente monografia desenvolve-se partindo da ideia da constituição pastoral *Gaudium et Spes*, dando ênfase ao número 22, deste mesmo documento conciliar. Tem ainda como base as Sagradas Escrituras, bem como o pensamento de teólogos que trataram sobre tal assunto no âmbito da protologia, antropologia teológica e cristologia, e também acenos da mariologia e escatologia. A investigação bibliográfica tem como escopo o acesso a livros, artigos, periódicos e internet.

Para organizar as diversas informações sobre o tema, foi feito um fichamento de todo o material recolhido, identificando obras diferentes e conhecendo seu conteúdo. Tendo analisado esse material, foi fixado o conteúdo e elaborada uma crítica. Com clareza do problema, da justificativa e dos objetivos da pesquisa, a partir das fontes citadas, e com o auxílio do orientador, foi elaborada a presente monografia.

CAPÍTULO I

O MISTÉRIO DO HOMEM NA CRIAÇÃO

O primeiro capítulo investiga os dados criacionais como expressão sublime do amor de Deus. A base de trabalho serão as Sagradas Escrituras, e o pensamento de teólogos que trataram sobre tal assunto no âmbito da protologia e antropologia teológica.

O primeiro tópico pretende abordar a ação criadora de Deus que imprimiu no homem a sua imagem e semelhança, revelando assim o mistério da identidade do homem como *Imago Dei*.

O segundo tópico abordará o mistério do pecado original como ocultação da identidade do homem, onde Deus tendo escolhido o ser humano para nele imprimir a sua imagem e a sua semelhança, não encontra correspondência a esse amor, pois o homem por influência do maligno, abusa da sua liberdade e preferindo a si mesmo nega o amor de Deus e conseqüentemente se afasta do seu criador. Assim o mistério do pecado original oculta a identidade do homem e aquilo que lhe é mais próprio, que é a sua comunhão com seu Criador.

O terceiro tópico trabalhará sobre a forma como o próprio Deus aproxima-se do homem pelo mistério da Encarnação. De fato, Deus envia seu Filho único para resgatar a humanidade perdida, restituindo assim a imagem e semelhança de Deus em cada ser humano, dessa forma o mistério da Encarnação se torna o desvelamento da identidade do homem.

1.1 O Mistério da identidade do homem como *Imago Dei*

Pensar a identidade do homem como *Imago Dei* faz a mente do cristão se voltar para o livro do Gênesis. De fato, no livro do Gênesis é possível destacar dois relatos da criação: o primeiro, Gn 1, 1-2,4a, assim chamado de primeiro relato da criação, conhecido também como relato sacerdotal; e o segundo, relato da criação em Gn 2, 4b-3,24, que apresenta também a queda do homem no pecado, conhecido como relato javista. O primeiro relato apresenta uma “[...] transformação sucessiva do caos em cosmo com a subida de uma pirâmide cujo cume é o homem.” (GROSS, 1972, p. 23).

O homem é apresentado como a criatura mais nobre, figura no ponto central de todo um conjunto ordenado. Ele é criatura como todas as outras. Mas neste relato, existe uma nítida distinção entre o ser humano e todas as outras criaturas, onde é descrita a criação do homem como “imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,26).

Já no relato javista a criação do homem se “[...] situa no centro do círculo da descrição, em torno do qual se agrupa toda a criatura.” (GROSS, 1972, p. 23). É possível perceber que neste relato o autor não se preocupa em descrever a criação do mundo; porém todo o interesse está no homem, na atitude benevolente do Criador para com o ser humano. Portanto, o primeiro relato e o segundo convergem para a criação do homem feito à imagem e semelhança de Deus – a *imago dei* (Gn, 1,26-28).

Entendemos a centralidade do homem na criação quando o próprio Criador o faz à sua imagem e semelhança, realizando assim uma relação de Deus para com o homem que ainda não existia com nenhum dos animais criados. Existirá a partir de então uma relação íntima do ser humano com o transcendente, realização entre a imagem e a figura que ele representa. Segundo Ladaria, significa “[...] a capacidade de conhecer e amar o Criador, a capacidade de se relacionar com Ele.” (LADARIA, 2007, p. 56).

O *Catecismo da Igreja Católica* citando Santa Catarina de Sena diz:

Que motivo vos fez constituir o homem em dignidade tão grande? O amor inestimável pelo qual enxergastes em vós mesmo vossa criatura, e vos apaixonastes por ela; pois foi por amor que a criastes, foi por amor que lhe destes um ser capaz de degustar vosso bem eterno. (CEC 356).

O ser humano não é mais uma criatura inserida no paraíso, ele é elevado à dignidade de pessoa pelo próprio Criador, possui em si mesmo a “[...] capacidade de conhecer, de possuir-se e de doar-se livremente e de entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor que ninguém mais pode dar em seu lugar.” (CEC 357). Porém, essa imagem e semelhança em nenhum momento coloca o homem num nível equivalente a Deus, ele não possui a divindade do criador, portanto, o homem não é Deus.

Urbano Zilles, no texto a seguir, mostra onde se encontra no homem a imagem de Deus:

A imagem de Deus não se deve buscar em algum lugar aspecto exterior, mas em sua estrutura de criatura que pode representar Deus no mundo criado. Deus escolhe o homem para estabelecer com ele uma relação pessoal (Gn 1,28-30). Essa semelhança com Deus é patrimônio de todos os homens (Gn 1,27), fundamento da igualdade de todos os homens diante de Deus. (ZILLES, 2001, p. 167).

Além do tema da imagem e semelhança presente no capítulo primeiro do livro do Gênesis, é possível ver no capítulo segundo uma detalhada narração acerca da criação do homem. O autor apresenta o homem modelado com o barro da terra (Gn 2,7).

A respeito disso Alfonso Garcia Rubio explica:

Deus é apresentado sob a imagem de um oleiro (...) a essa estátua Iahweh comunica um sopro vital (*rûah*). Trata-se do hálito com que todo ser vivo dá sinais de vida (...). O homem (*'adam*) é terrestre, da 'argila do solo' (*'adamah*),

não é divino nem emanção do divino. Mas recebe, como dom de Iahweh, o hálito de vida (*rúah*). Vida proveniente da ação amorosa de Iahweh para com o ser humano. (RUBIO, 1989, p. 129).

Ao homem foi atribuída a tarefa de cultivar a terra, dando-lhe um caráter de colaborador da criação: “Crescei, multiplicai-vos, dominai a terra e submetei-a[...]” (Gn 1,28). Essas são as particularidades do homem em relação à criação. Todavia ele deve refletir nas outras criaturas do paraíso essa imagem de Deus, “[...] a sublimidade de Deus, e como senhor, mantê-las dentro do âmbito fixado pelo encargo que de Deus recebeu para dominar a terra.” (GROSS, 1972, p. 30).

O homem também tem o seu papel nesse mundo como cooperador na criação de Deus. Com sua ação no mundo os homens contribuem para a realização do plano de Deus. Nisso, ele aperfeiçoa, paralelamente a si mesmo e ao mundo, como afirmado nestes termos na *Gaudium et Spes*: “O homem quando trabalha, transforma não somente as coisas e a sociedade, mas aperfeiçoa a si mesmo.” (GS, 35).

Portanto, a amizade com o Criador e a harmonia com a criação que rodeava o homem era a constituição de um “[...] estado de santidade e de justiça original.” (DS 1511). A graça da santidade original era uma participação da vida divina (LG, 2).

Sobre isso o *Catecismo da Igreja Católica* afirma que: “Pela irradiação desta graça, todas as dimensões da vida do homem eram fortalecidas. Enquanto permanecesse na intimidade divina, o homem não devia nem morrer, nem sofrer.” (CEC 376).

O Livro da Sabedoria mostra o amor de Deus para com suas criaturas e, especialmente, com o homem nesta atitude de reconhecimento, quando diz:

Sim, amas tudo o que existe e não desprezas nada do que fizeste; porque, se odiasses alguma coisa não a terias criado. Da mesma forma, como poderia subsistir, se não a tivesses querido? Ou como poderia ser mantida na existência, se por ti não tivesse sido chamada? A todos, porém tratas com bondade, porque tudo é teu, Senhor, amigo da vida! (Sb 11, 24-26).

A citação sapiencial supracitada é chave interpretativa do conceito bíblico de criação. Tal conceito não se refere simplesmente à origem do mundo. A ideia bíblica de criação denota não só a ação de dar princípio a realidade, mas também a ação restauradora e consumadora dessa mesma realidade. Neste sentido, Juan Luis de Peña escreveu:

Deus cria quando: a) chama à existência os seres que não existem; b) sustenta as criaturas na existência, escolhe um grupo humano para que se converta em seu povo e refaz a criação degradada pelo pecado; c) conduz essa mesma criação redimida à plenitude do ser e de sentido que é a salvação. (PEÑA, 1998, p. 10).

A Sagrada Escritura utiliza por inúmeras vezes o verbo hebraico *bara*. Esse verbo “exprime a atividade criadora de Deus, verbo este para o qual em nenhuma outra

língua se encontra um equivalente.” (GROSS, 1972, p. 25). Esse verbo possui um sentido teológico e seu sujeito é unicamente Deus. “Torna-se portador de uma atividade criadora sem analogia, própria só de Deus e que quanto ao seu conteúdo dificilmente se pode interpretar além da medida.” (GROSS, 1972, p. 25).

O verbo *bara* possui implicitamente a criação que surge a partir do nada, “[...] *ex nihilo*: nada obriga Deus, em nada se apoia Deus para criar, a não ser em sua libérrima vontade de comunicação.” (PEÑA, 1998, p. 24).

A atividade criadora de Deus, expressada pelo *bara* antecede todo o início, com ela estabelece-se um princípio: “No princípio Deus criou [...]” (Gn 1,1), como bem explica o *Catecismo da Igreja Católica*: “Deus eterno pôs um começo a tudo o que existia fora dele. Só Ele é criador [...]” (CEC 290). Por isso, “[...] a partir desse princípio na primeira operação criadora de Deus existe o tempo, e com ele a história [...] a ação criadora de Deus em todo o caso situa-se marcando o início.” (GROSS, 1972, p. 28). A Palavra de Deus na criação indica que Ele é livre em toda a sua ação, é d’Ele todo o tempo e o espaço.

Em todos os atos criacionais de Deus um atributo divino se destaca: o amor. Deus cria para salvar. Sua ação criadora evidencia um amor gratuito de um Deus que atua movido exclusivamente por sua vontade de se comunicar. Juan Luis Ruiz de La Peña diz que: “A ação criadora põe às claras, mais que a onipotência, a bondade irrestrita, a generosidade ilimitada e o amor gratuito de um Deus que atua movido exclusivamente por sua vontade de comunicar-se.” (PEÑA, 1998, p. 10). Comunicação que chega ao seu ápice na criação do homem, este criado à imagem e semelhança de Deus. Deus conclui a sua obra pondo à frente dela o ser humano, sua imagem, para que em seu nome, presida, governe e conduza sua obra (PEÑA, 1998).

A valorização do ser humano, criatura de Deus, é significativamente ressaltada no *Documento de Aparecida* no qual cita São João Paulo II:

Todo ser humano existe pura e simplesmente pelo amor de Deus que o criou, e pelo amor de Deus que o conserva em cada instante. A criação do homem e da mulher à sua imagem e semelhança é um acontecimento divino de vida, e sua fonte é o amor fiel do Senhor. Por conseguinte, só o Senhor é o autor e o dono da vida, e o ser humano, sua imagem vivente, é sempre sagrado, desde sua concepção, em todas as etapas da existência, até sua morte natural e depois da morte. O olhar cristão sobre o ser humano permite perceber seu valor que transcende todo o universo: “Deus nos mostrou de modo insuperável como ama cada homem, e com isso lhe confere uma dignidade infinita.” (DAp. 388).

O Concílio Vaticano II, na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, afirma ainda:

As Sagradas Escrituras ensinam que o homem foi criado à “imagem” de Deus, capaz de conhecer e amar seu Criador, que o constituiu senhor de todas as coisas terrenas, para que as dominasse e usasse glorificando a Deus. “O que é o homem para dele vos lembrardes? Ou que é o filho do homem para que vos

ocupeis com ele? Entretanto, vós o fizeste pouco inferior aos anjos, coroando-o de honra e glória. Destes-lhe o poder sobre as obras de vossas mãos, Vós lhe submeteste toda a criação (Sl 8,5-7)". (GS, 237).

O salmista já se questiona sobre “[...] a grandeza humana em sua fragilidade, o mistério e o paradoxo que impressionam os pensadores de todos os tempos. ” (LADARIA, 2007, p. 49).

A constituição pastoral *Gaudium et Spes* diz que

[...] cada homem permanece para si mesmo um problema insolúvel, apenas confusamente pressentido. Ninguém pode, na verdade, evitar inteiramente esta questão em certos momentos, e sobretudo nos acontecimentos mais importantes da vida. Só Deus pode responder plenamente e com toda a certeza, Ele que chama o homem a uma reflexão mais profunda e a uma busca mais humilde. (GS, 21).

Assim, segundo a *Gaudium et Spes*, o ser humano caminha sem uma verdadeira compreensão de sua identidade, se faltam o fundamento divino e a esperança da vida eterna, a dignidade humana é gravemente lesada, como tantas vezes se verifica nos nossos dias, e os enigmas da vida e da morte, do pecado e da dor, ficam sem solução, o que frequentemente leva os homens ao desespero (GS, 21).

1.2 O Mistério do pecado original como ocultação da identidade do homem

Criado por Deus em estado de Justiça, tendo em si a graça da imagem e semelhança do seu Criador, o homem abusa da sua liberdade pela influência do maligno. Sobre isso a *Gaudium et Spes* assim se expressa: “Logo no começo da sua história abusou da própria liberdade, levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora dele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a ele devida, mas obscureceu-se o seu coração insensato e serviu à criatura, preferindo-a ao Criador.” (GS, 13). O homem quebra a harmonia que possuía com Deus, consigo mesmo, com os outros e com a natureza. Desobedeceu à ordem do Criador que o orientou: “Podes comer de todas as árvores do jardim, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dele comeres, decerto morrerás.” (Gn 2,16).

O homem preferiu a si mesmo, cedendo à tentação da serpente que no diálogo com a mulher “[...] questiona as ordens dadas pelo criador [...] A serpente conversa com a mulher sobre coisas que exigem sabedoria e discernimento. Por exemplo, a conversa gira sobre como saber o que é bom para comer e o que pode ajudar no desenvolvimento intelectual.” (REIMER, 2009, p. 116).

Henrich Gross interpreta a atitude do tentador nestes termos:

Atribui a Deus a pecha de mentiroso pois ela conhece melhor Deus do que a mulher; desperta nela a curiosidade e lhe promete uma posição neutra, para

julgar a Deus e seu mandamento, a ponto de atribuir a Deus intenções invejosas. Ela dá ao homem com saber divino esperança de alcançar a ciência divina, familiaridade interna com as coisas e faculdade de sobre elas dispor. Desta maneira suscita no homem a ânsia do incompreensível e ilimitado, o desejo fascinante de vasculhar os mistérios que se situam atrás do horizonte humano. (GROSS, 1972, p. 33-34).

O homem se deixou levar pelo desejo de autonomia em vez de obedecer a Deus, foi capaz de ter aversão ao seu criador, significando para Urbano Zilles:

um afastamento de sua determinação original na ordem da criação. Quando o próprio homem se considera como Deus em sua vida e em sua ação, em vez de respeitar seus limites de criatura, falha na missão de conservar e desenvolver a terra no sentido dado pelo Criador. Volta-se para o mundo criado, absolutizando-o. Aliena-se, não só a si mesmo, mas, ao mesmo tempo, de seus semelhantes. (ZILLES, 2011, p. 172).

A árvore do qual o relato criacional descreve, “[...] evoca simbolicamente o limite intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e respeitar com confiança. O homem depende do Criador. Está submetido às leis da criação e às normas morais que regem o uso da liberdade.” (CEC 396).

Segundo a *Gaudium et Spes*, quando o ser humano escolhe trilhar caminhos longe das proposições do Criador ele entra em constante desarmonia. E esta não diz apenas da pessoa em si, mas há também um prejuízo e desarmonia em suas relações com o próximo e até mesmo com o próprio Deus:

[...] levantando-se contra Deus e desejando alcançar o seu fim fora d’Ele. Tendo conhecido a Deus, não lhe prestou a glória a Ele devida, mas o seu coração insensato obscureceu-se e ele serviu à criatura, preferindo-a ao Criador. É isto que a revelação divina nos dá a conhecer, concorda com os dados da experiência. Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação. O homem encontra-se, pois, dividido em si mesmo. E assim, toda a vida humana, quer singular quer coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. (GS, 13).

Como visto na *Gaudium et Spes*, essa rebelião do ser humano até mesmo contra Deus, como consequência do pecado de Adão, fragmenta a existência humana. Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. O pecado das origens ganha uma dimensão de pecado da humanidade, assim afirma Paulo na Carta aos Romanos no Novo Testamento: “Com efeito, como, pela desobediência de um só homem, a humanidade toda tornou-se pecadora [...]” (Rm 5,19). E antes declarava: “Pois, como o pecado entrou no mundo por um só homem e, por meio do pecado a morte; e a morte passou para todos os homens, por que todos pecaram.” (Rm 5,12).

Existe uma universalidade do pecado e da morte, pois todos participam de uma certa maneira do pecado da origem, conforme o ensinamento do *Catecismo da Igreja Católica*: “A Igreja sempre ensinou que a imensa miséria que oprime os homens e sua inclinação para o mal e para a morte são incompreensíveis, a não ser referindo-se ao pecado de Adão e sem o fato de que este nos transmitiu um pecado que por nascença nos afeta a todos e é ‘morte da alma’.” (CEC 403).

O pecado de Adão tornou-se o pecado de todos os seus descendentes, pois todo o gênero humano é um em Adão, conforme a citação de Santo Tomás de Aquino no *Catecismo da Igreja Católica*: “[...] *sicut unum corpus unius hominis* – como um só corpo de um só homem.” (CEC 404).

A respeito disso Gerhard Ludwig Müller escreveu:

O pecado original é, em suma, o ato espiritual interior que reconhece a referência da criatura a Deus e, em oposição estrita a ela, recusa a autotranscendência natural da liberdade e, assim, a recepção da auto-entrega de Deus. Por isso, o pecador não só incorre numa *oposição a Deus*, mas também numa insolúvel *oposição a si mesmo*. O afastamento de Deus torna o ser humano um pecador e o entrega à corrupção, à escravidão, à perdição (Rm8,19-21) e à morte, que é o salário do pecado (Rm 6,23). Está dominado pela “lei do pecado e da morte” (Rm 8,2). (MÜLLER, 2015, p.107).

Segundo Rubio, Agostinho dedicou os últimos anos de sua vida para explicar de maneira decisiva a questão sobre o pecado original, uma luta categórica contra o pelagianismo. Assim se realça a realidade da corrupção da natureza humana causada pelo pecado de Adão:

[...] corrupção transmitida a toda a humanidade. Como consequência, os seres humanos perderam a liberdade para realizar o bem que conduz à salvação eterna e cometem pecados atuais [...] que condenariam irremissivelmente se não fosse a intervenção totalmente gratuita de Deus. (RUBIO, 1989, p. 521).

Contra a filosofia de Pelágio, de acordo com Rubio, Agostinho afirma que o ser humano é incapaz, sem a graça de Deus, de evitar o pecado ao qual está inclinado pela própria concupiscência, sendo assim, a intervenção gratuita de Deus é totalmente necessária para que o ser humano possa evitar o pecado.

Existe um verdadeiro pecado de Origem (Adão), (...) transmitido a toda a humanidade (solidariedade do gênero humano com Adão como seu representante) a explicar o mal e a situação negativa em que o ser humano se encontra assim com a absoluta redenção e a necessidade da graça interna oferecida ao homem para curar as feridas do pecado e tornar possível a realização de atos que conduzam à vida eterna. (RUBIO, 1989, p. 521).

A doutrina sobre o pecado original gera um olhar de discernimento completamente claro sobre a situação do homem e de sua ação no mundo, conforme ensina o *Catecismo da Igreja Católica*: “Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu certa dominação sobre o homem, embora este último permaneça livre. O pecado

original acarreta a servidão debaixo do poder daquele que tinha o império da morte, isto é, do Diabo.” (CEC 407). Assim, toda a humanidade está sob a lei do pecado. “As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens conferem ao mundo em seu conjunto uma condição pecadora, que pode ser designada com a expressão de São João: ‘O pecado do mundo’ (Jo 1,29).” (CEC 408).

Adam procura explicar de maneira mais detalhada as consequências do pecado de Adão. Segundo ele:

[...] pelo pecado de Adão, nossa humanidade, em germe em Adão, perdera suas relações particulares com Deus, a plenitude de Deus que havia nela, a realidade tão positiva da vida sobrenatural. Uma espécie de enfraquecimento, de aniquilamento de nossas formas morais e religiosas era a triste consequência do pecado original, sob um lamentável impulso de uma oposição incessantemente crescente. Esse impulso tende ao extremo limite das possibilidades a que chegaram os demônios e os condenados, isto é, ao estado em que o ente humano não possuía mais, em matéria de realidade positiva, senão aquela que o impede de recair definitivamente no nada e que, pela vontade conservadora de Deus, o mantém justamente no limite do ser. Tal era, antes de Cristo, a existência humana, arrastada sob o peso do pecado original até os extremos limites possíveis da ruína e do aniquilamento. (ADAM, 2021, p. 19).

Vê-se assim que o pecado gera desintegração e prejuízo na relação do primeiro casal humano com Deus. Adão e Eva enfraqueceram as possibilidades de usufruir das imensas graças da vida sobrenatural. Realidade que será superada com o advento do Cristo.

Ainda, segundo Rubio, pode-se afirmar que o pecado é a “[...] desumanização do ser humano na medida em que é rejeitada a proposta do Deus da vida e do amor a respeito do que deveria ser a humanização em conformidade com Jesus Cristo.” (RUBIO, 2004, p. 278). Afeta profundamente a vida do ser humano, uma vez que o mesmo se fecha ao dom do amor e da proposta da salvação de Deus, assim temos o caráter profundamente desumano do pecado (RUBIO, 2004). Neste sentido o mesmo Rubio afirma que: “De fato, a deturpação das relações humanas expressa claramente a forma desagregadora do pecado [...] gerando a ruptura da relação mais básica de todas que é a relação com Deus.” (RUBIO, 2004, p. 278).

E ele especifica que isso acontece seja nas “[...] relações entre homem e mulher, bem como entre os humanos, quer no âmbito do encontro pessoa-pessoa, quer no âmbito das relações familiares e comunitárias.” (RUBIO, 2004, p. 279).

Na mesma linha Müller escreveu que:

Como consequência fundamental do pecado de Adão aparece a expulsão do ser humano do Paraíso, ou seja, a perda das relações de confiança do ser humano com Deus (Gn 3,23s). O ser humano não tem mais acesso à “árvore da vida” e, assim, está sujeito ao poder da morte com sua finitude (Sb2,23s). A sentença pronunciada contra a mulher e contra Adão tem como consequência uma

dificuldade maior na realização das tarefas naturais estabelecidas para o ser humano, ou seja, a paternidade e o cultivo, mediante o trabalho, de seu espaço vital, bem como uma desestabilização das relações inter-humanas. (Gn4,14-19; 4-11). (MÜLLER, 2015, p.107).

Sobre tal temática, o Concílio Vaticano II, na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, afirma que:

[...] o homem descobre-se incapaz de repelir por si mesmo as arremetidas do inimigo: cada um sente-se como que preso com cadeias. Mas o Senhor em pessoa veio para libertar e fortalecer o homem, renovando-o interiormente e lançando fora o príncipe deste mundo (cfr. Jo. 12,31), que o mantinha na servidão do pecado. Porque o pecado diminui o homem, impedindo-o de atingir a sua plena realização. A sublime vocação e a profunda miséria que os homens em si mesmos experimentam, encontram a sua explicação última à luz desta revelação. (GS, 13).

O mistério da Encarnação do Verbo retira o “véu” que como consequência do pecado original cobria a real identidade do ser humano. O homem não será mais o mesmo após o advento do Cristo.

1.3 - O Mistério da Encarnação como desvelamento da identidade do homem

Após haver pronunciado a sentença ao primeiro casal no paraíso (cf. Gn 3,14-19), Deus prometera que um dia a cabeça da serpente seria esmagada por um descendente de Eva (cf. Gn 3,15). “Desta promessa brotaria aos poucos a esperança de que esse ser privilegiado repararia a catástrofe do Éden, e restauraria a ordem primeira [...]” (PENIDO, 2015, p. 21).

Num significado messiânico, essa promessa fala de uma luta entre o homem e o mal, da qual o homem não sairá derrotado. Bruno Forte ressalta como, aos poucos, aparece o caráter pessoal do Messias, nestes termos:

O Messias escolhido por Deus, filho de Deus, vencedor escatológico, é o protagonista desse combate que instaura o Reino de Deus. Está relacionada como o Messias a figura do Filho do Homem: expressão da personalidade corporativa, ela assume cada vez mais um caráter pessoal, acentuando a dimensão humana do próprio Messias, o seu enraizamento na história dos homens. (FORTE, 2005, p. 84).

O messias rei é esperado pelo povo de Israel, como realizador das promessas feitas aos patriarcas, um messias caracterizado pelo poder e com o seguinte perfil: “Esse messias no Antigo Testamento apresenta predominantemente os traços do rei, salvador, que fará justiça a Israel e julgará os criminosos e os inimigos do povo da aliança.” (SCHARBERT,1984 p. 165-166). Diante do messianismo do Antigo Testamento surge uma esperança nova suscitada pela promessa de que Deus virá ao encontro do seu povo.

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* diz o seguinte sobre a realidade da Revelação através da qual se define a figura do Messias:

Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria revelar-se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade, pelo qual os homens, por intermédio do Cristo, Verbo feito carne, e no Espírito Santo, tem acesso ao Pai e se torna participantes da natureza divina. (DV, 2).

Essa revelação de Deus ganha sua plenitude no Verbo Encarnado, uma vez que

[...] depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado “como homem para os homens”, “fala, portanto, as palavras de Deus” (Jo. 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo. 5,36; 17,4). (DV, 4).

O Messias não traz visivelmente aquela imagem esperada pelo povo de Israel (SCHARBERT,1984). Jesus, de fato, revela um “[...] modo absolutamente novo de ser rei, um modo totalmente contrário às expectativas do povo.” (BENTO XVI, 2006).

O Concílio Vaticano II, através da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* ao falar do Verbo encarnado diz que ele é a

[...] “Imagem de Deus invisível” (Col. 1,15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que, n’Ele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso mesmo também em nós foi ela elevada a sublime dignidade. Porque, pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. (GS, 22).

O rei esperado por Israel nasce como um de nós, assume a carne humana, é verdadeiro Deus e verdadeiro homem (CEC 464). O Messias é sinal de contradição (cf. Lc 2,22-40), não corresponde às expectativas do povo, mas é inteiramente fiel ao Pai que o enviou.

O Verbo encarnado traz ao ser humano uma existência nova, Ele que já existia em forma de Deus, pois assim nos assegura João: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. Ele existia no princípio junto de Deus.” (Jo1,1-2). Segundo o *Catecismo da Igreja Católica*, “[...] o mistério da admirável união da natureza divina e da natureza humana na única Pessoa do Verbo.” (CEC 483), assumindo agora a carne humana restabelece a aliança definitiva de Deus para os homens e dos homens para Deus. Aliança que fora perdida por Adão no paraíso, conforme as palavras de Santo Irineu:

Assim como Eva foi seduzida pela conversa de um anjo e afastou-se de Deus, desobedecendo à sua palavra, Maria recebeu a boa-nova pela anunciação de outro anjo e mereceu trazer Deus em seu seio, obedecendo à sua palavra. Uma

deixou-se seduzir de modo a desobedecer a Deus, a outra deixou-se persuadir a obedecer-lhe. Deste modo, a Virgem Maria tornou-se advogada da virgem Eva (...) o próprio Senhor declara ser o Filho do homem, recapitulando em si aquele primeiro homem a partir do qual foi modelada a mulher. E assim como pela derrota de um homem o gênero humano foi precipitado na morte, pela vitória de outro homem subimos novamente para a vida. (SANTO IRINEU, 1999, p. 207-208).

São Cirilo de Alexandria e o Concílio de Éfeso em 431 respondendo aos desafios teológicos quanto ao desenvolvimento da realidade que já fazia parte do senso de fé em relação à figura de Maria diz que: “[...] a humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde sua concepção.”(DS 250 e 251). Por isso, afirma o *Catecismo da Igreja Católica*: “O Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou de verdade Mãe de Deus pela concepção humana do Filho de Deus em seu seio.” (CEC 466).

Maria, filha de Adão (LG, 56), aceitando a Palavra vinda do Céu por meio do Anjo, se fez a Mãe do Verbo Encarnado, a mãe da humanidade nova, do homem recriado à imagem e semelhança de Deus. Se fez ainda, “[...] cooperadora da salvação humana com liberdade na fé e serva obediente.” (LG, 56).

O Papa Bento XVI reflete sobre a Encarnação do Filho de Deus apresentando-a como um extraordinário dom de Deus para a humanidade e diz ainda que: “Deus ofereceu-nos o seu único Filho, assumiu a nossa humanidade para nos conferir a sua divindade. Este é o grande dom. [...] O mistério da Encarnação indica que Deus não [...] concedeu algo, mas doou-se a si mesmo no seu Filho Unigênito.” (BENTO XVI, 2013).

O Filho de Deus quis assumir a natureza humana, pois, somente assim poderia conceder à humanidade a salvação. Assim descreve Paulo em seu hino na carta aos Filipenses: “Ele, existindo em forma divina, não se apegou ao ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano.” (Fl 2, 6-7).

A carta aos Hebreus também fala dessa realidade: “Por esta razão, ao entrar no mundo Cristo declara: Não quiseste vítima nem oferendas, mas formaste um corpo para mim. Não foram de teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade.” (Hb 10, 5-7).

Santo Tomás de Aquino, por sua vez, afirma a verdade da encarnação do Filho de Deus como sendo para a salvação de todo o gênero humano: “A obra da Encarnação foi disposta por Deus como remédio para o pecado, de modo que, não existindo pecado, não existiria Encarnação.” (STh III, q. 1, a. 3).

O *Catecismo da Igreja Católica*, citando São Gregório de Nissa, apresenta o mistério da Encarnação assim:

Doente, nossa natureza precisava ser curada; decaída, ser reerguida; morta, ser ressuscitada. Havíamos perdido a posse do bem, era preciso no-la restituir. Enclausurados nas trevas, era preciso trazer-nos à luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, um socorro; escravos, um libertador. Essas razões eram sem importância? Não eram tais que comoveriam a Deus a ponto de fazê-lo descer até nossa natureza humana para visitá-la, uma vez que a humanidade se encontrava em um estado tão miserável e tão infeliz? (CEC 457).

Essa visão teológica poética de São Gregório de Nissa, mencionada pelo *Catecismo da Igreja Católica*, descreve a situação do homem sem identidade e o mover da graça para restituí-la. O Cristo, ao assumir a natureza humana pretende restituir sua dignidade, pois esta, desde os primórdios, é chamada à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27).

Baseado nas escrituras, a tradição da Igreja, ao longo dos séculos, ensina que “[...] a imagem de Deus na pessoa humana, embora muitas vezes escondida e desfigurada na história como resultado do pecado original e de seus efeitos, jamais foi completamente erradicada ou destruída.” (CTI, 1997, n. 3). A Igreja crê que Deus não abandonou os homens pecadores, mas que Deus, “[...] em seu amor redentor, quer um destino glorioso para a raça humana, e de fato para toda a ordem criada, um destino cujas sementes já se encontram presentes na Igreja e por meio dela.” (CTI, 1997, n.3).

Hélcion Ribeiro apresenta um interessante texto sobre a Encarnação do Filho de Deus que “eleva o ser humano”:

O ser humano foi pensado a partir de Jesus Cristo. Ele é o primogênito da criação. O ser humano é apenas imagem da imagem verdadeira que é Cristo. Pela ressurreição de Jesus fica claro o sentido não somente da sua humanidade, mas também da sua divindade, ao qual ele seria “aquele que salvaria o seu povo de seus pecados”. Pela encarnação o Verbo manifesta-se na humana carne não como o primeiro nascido entre os homens, mas como plenitude dos tempos eternos. Ele nascido de Maria pela ação do Espírito Santo, socializado por José, uniu o céu e a terra, o tempo e a eternidade, elevando o ser humano a sua real estatura para manifestar a Deus e solidarizar-se com os irmãos na história. (RIBEIRO 1993, p. 212).

O filho de Deus se fez homem como recitamos no Credo: “E por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus: e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.” (Credo Niceno Constantinopolitano). Uma realidade impensável que de fato só Deus poderia realizar e que somente a fé nos faz adentrar, conforme se expressou Bento XVI: “O Logos, que está em Deus, o Logos que é Deus, o Criador do mundo (Jo 1, 1), por Quem foram criadas todas as coisas (1, 3), que acompanhou e acompanha os homens na história [...], torna-se um no meio dos outros, adquire morada entre nós, torna-se um de nós (cf. 1, 14).” (BENTO XVI, 2013). A

presença humana de Deus em meio ao seu povo foi a manifestação do grande amor que Deus tem pela humanidade a ponto de não deixar a identidade do homem apagada pelo pecado original.

CAPÍTULO II

O PRIMOGÊNITO DE TODA CRIATURA: CRISTO REVELA A IDENTIDADE DO HOMEM

Este segundo capítulo abordará a realidade do mistério da redenção do homem, o mistério do Cristo revela o homem ao homem. Pelo mistério da redenção salva-o do fechamento e o insere novamente em Deus. Daí a relevância do termo “Primogênito de toda Criação”, próprio da Carta de São Paulo aos Colossenses, no contexto do *Corpus Paulinum*.

O primeiro tópico deste segundo capítulo tem a pretensão de considerar o mistério da Redenção do homem sob a ótica do pontificado do então Papa João Paulo II, hoje São João Paulo II, à luz do escopo antropológico trabalhado na *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II. Neste contexto, o tópico colocará em diálogo a *Gaudium et Spes* com as considerações de outros escritos do magistério de João Paulo II, a saber, *Veritatis Splendor*, *Redemptor hominis*, bem como discursos e comentários de teólogos.

Já o segundo tópico considerará a dimensão humana e a divina no mistério da Redenção e aprofundará, sem a pretensão de esgotar as considerações teológicas deste mistério que forja a identidade de cada homem à luz do Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Neste tópico serão consideradas e apresentadas as visões teológicas sobre o tema nas diversas citações apresentadas também em diálogo com a centralidade da *Gaudium et Spes* 22.

O terceiro tópico do presente capítulo, a Redenção do homem como participação no sofrimento de Cristo, pretende refletir o mistério do sofrimento humano tendo como referencial o Cristo, Verbo Encarnado. Tudo isso em consonância com a *Gaudium et Spes* 38, onde se afirma que o Verbo de Deus nos ensina com o seu exemplo que também devemos levar a cruz. Assim, o tópico põe em diálogo as discussões mais recentes sobre o tema, considerando também o *Catecismo da Igreja Católica* e outros documentos magisteriais.

2.1 - O mistério da redenção do homem em João Paulo II à luz da *Gaudium et Spes*

O homem, criado à imagem e semelhança, elevado à dignidade de *imago Dei* não permaneceu fiel a sua identidade. De alguma forma, após o pecado, passou a viver frustrado em relação ao projeto original de Deus, não podendo assim esquivar-se de perguntas fundamentais como: Que devo fazer? Como discernir o bem do mal? Perguntas

estas que são reveladas à luz da encarnação, como foi considerado no capítulo precedente.

A Carta Encíclica *Veritatis Splendor* de João Paulo II diz que “[...] a resposta somente é possível graças ao esplendor da verdade que brilha no íntimo do espírito humano, como atesta o salmista: ‘Muitos dizem: ‘Quem nos fará ver o bem?’ Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz da vossa face’ (Sal 4, 7).” (VS, 2).

São João Paulo II diz que:

[...] a luz da face de Deus resplandece em toda a sua beleza no rosto de Jesus Cristo, “Imagem do Deus invisível” (Col 1, 15), “resplendor da sua glória” (Heb 1, 3), “cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 14): Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6). Por isso, a resposta decisiva a cada interrogação do homem, e particularmente às suas questões religiosas e morais, é dada por Jesus Cristo, mas, é o próprio Jesus Cristo. (VS, 2).

Para elevar o homem à plenitude de sua identidade original, a Sagrada Escritura fala do mistério da Encarnação. A carta aos filipenses, no hino cristológico, revela Jesus obediente, num gesto contrário ao de Adão, que tentara com suas próprias forças ser igual a Deus. Já o Cristo aniquila-se a si mesmo fazendo-se obediente: “Ele existindo de forma divina, não considerou um privilégio ser igual a Deus, mas esvaziou-se, assumindo a forma de servo e tornando-se semelhante ao ser humano.” (Fl 2, 6-7).

Segundo o quarto evangelho: “No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era Deus. Ela estava no princípio com Deus.” (Jo 1,1-2), e assume a carne humana e traz aos homens uma existência nova. A Encarnação permite ao homem, chamado a participar da plenitude divina, se configurar à imagem de Deus (PEÑA, 1998).

Somente em Cristo o homem encontra caminho e capacidade para viver a salvação, conforme escreveu Alfonso Garcia Rubio: “O homem sai da situação de perdição e se abre para a realidade da salvação.” (RUBIO, 2004, p.148).

Toda a vida de Jesus foi pautada pela abertura de obediência ao Pai e pelo amor aos irmãos. Com isso, Jesus viveu uma vida oposta à vida do homem pecador, uma antítese da existência de Adão. “Jesus, na sua vida e na sua morte, não pretendeu de forma alguma ocupar o lugar de Deus, antes, pelo contrário, viveu com toda a intensidade a obediência à vontade d’Aquele a quem chama de ‘Abba’ (Pai).” (RUBIO, 2004, p. 149).

Há uma antítese entre a vontade de Jesus e a de Adão: Adão não aceita a vontade de Deus porque quer ser plenamente autônomo, quer ser como Deus, não aceita sua condição de criatura. Jesus vive uma relação plena de obediência ao Pai, Ele é nosso irmão, irmão na condição humana real, mas também é de condição divina real, “[...] vive

a resposta plena à proposta do Deus salvador-criador. Para ele o prioritário é a obediência à vontade do Pai.” (RUBIO, 2004, p. 149).

A vontade salvífica de Deus, logo após o pecado de Adão e Eva, foi expressa pela promessa de salvação a todo gênero humano não permitindo, assim, que a humanidade e também a criação ficassem eternamente sob a condição do pecado (Rm 8).

No Antigo Testamento há diversas fases em que o próprio Deus deu a conhecer sua vontade salvífica. Neste sentido Darlap diz que essas fases indicam o projeto de Deus e as apresenta como sendo: “[...] as profecias vetero-testamentárias sobre a nova e eterna aliança, a ideia do Messias, as ideias de que Deus quer salvar o resto de Israel, e de que este, apesar de sua infidelidade, está vinculado à fidelidade de Deus à sua aliança, fidelidade esta que é maior e mais forte do que a prevaricação do povo.” (DARLAP, 1971, p. 115).

Essas fases diversas devem ser entendidas como fases de uma única história que atinge sua meta e seu objetivo final em Jesus Cristo. Elas são entendidas como fases preparatórias, que atingem sua perfeição na Encarnação do Verbo, pois “[...] é Nele que o cosmos e a história encontram a sua total explicação. Para Ele é que a História se processa. Portanto, é Ele o fim, a *causa finalis* de toda a história da salvação.” (DARLAP, 1971, p. 112).

Por sua vez, o Concílio Vaticano II à luz das Sagradas Escrituras enfatiza sua visão do homem na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. É sabido que no Concílio encontra-se um documento com a visão eclesiológica *ad intra*, a *Lumen Gentium* e um outro com a visão *ad extra*, a *Gaudium et Spes*.

A *Gaudium et Spes* contém forte componente antropológico e teológico na descrição do homem como um todo, para assim apresentar a situação do homem contemporâneo. Sobre isso, Lopes considerou que “[...] procurando dar respostas que fossem, ao mesmo tempo, orientações para as pessoas deste mundo em mudança, a *Gaudium et Spes* colocou a criatura humana no centro de suas atenções.” (LOPES, 2011, p. 14). Tal realidade é perceptível no início da Constituição Pastoral que diz:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. (GS 1).

Uma vez que a *Gaudium et Spes* é o escopo do presente trabalho, convém analisar a influência desta no pensamento de João Paulo II.

Em discurso para *Comissão Teológica Internacional*, em 05 de Dezembro de 1983, o Papa João Paulo II apresenta o documento conciliar *Gaudium et Spes* como modelo a ser seguido nos estudos que dizem respeito à pessoa humana e a sua dignidade. Diz ainda que este documento conciliar “[...] propôs uma excelente síntese sobre a dignidade da pessoa humana unida de modo íntimo com Cristo Criador e Redentor.” (JOÃO PAULO II, 1983b, n. 5).

João Paulo II ainda diz que:

A autêntica antropologia cristã nestes últimos anos não pouco foi negligenciada. Muitos, com efeito, procuraram noutras partes a solução do mistério do homem. Mas a Revelação cristã pode oferecer os necessários fundamentos da dignidade da pessoa humana à luz da história da criação e nas diferentes etapas da história da salvação, a saber, a da queda e a da redenção. (JOÃO PAULO II, 1983b, n. 8).

A esse respeito o documento de Medellín na sua introdução diz que: “A Igreja Latino-americana [...] centralizou sua atenção no homem deste continente, que vive um momento decisivo de seu processo histórico. Deste modo, ela não se ‘desviou’ mas ‘se voltou’ para o homem. (CELAM, 1979, n. 1). Para aprofundar no conhecimento do ser humano, a conferência de Medellín faz referência à *Gaudium et Spes*: “Sendo Cristo aquele em quem se manifesta o mistério do homem, a Igreja procura compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra, que é Cristo.” (CELAM, 1979, n. 1).

De acordo com Luiz Carlos Susin, na fonte da *Gaudium et Spes*, está programaticamente o que João Paulo II iria reassumir na Carta Encíclica *Redemptor hominis*, também inspirado na intrínseca relação entre antropologia cristã e a cristologia. “O referente ponto fundante e inspirador, é, para a *Gaudium et Spes* e para João Paulo II, a humanidade de Cristo.” (SUSIN in GONÇALVES; BOMBONATTO, 2004, p. 369).

É perceptível na *Gaudium et Spes* a presença contínua da antropologia apresentada pelo Concílio Vaticano II:

Nos nossos dias, a humanidade, cheia de admiração ante as próprias descobertas e poder, debate, porém, muitas vezes, com angústia, as questões relativas à evolução atual do mundo, ao lugar e missão do homem no universo, ao significado do seu esforço individual e coletivo, enfim, ao último destino das criaturas e do homem. Por isso, o Concílio, testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do género humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador. Trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana. Por isso, o homem será o fulcro de

toda a nossa exposição: o homem na sua unidade e integridade: corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade. Eis a razão por que este sagrado Concílio, proclamando a sublime vocação do homem, e afirmando que nele está depositado um germe divino, oferece ao género humano a sincera cooperação da Igreja, a fim de instaurar a fraternidade universal que a esta vocação corresponde. (GS, 3).

João Paulo II, na *Redemptor hominis*, diz que a redenção de Cristo reconstitui a ordem existente antes do pecado de Adão. De um novo modo e de forma admirável é revelada aquela verdade fundamental do livro do Gênesis, repetida mais de uma vez, onde Deus viu que tudo era bom. “Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem, aquele mundo que, entrando nele o pecado, foi submetido à caducidade, readquiri novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina da Sabedoria e do Amor.” (RH, 8). A esse respeito o *Catecismo da Igreja Católica* diz que: “A obra da criação culmina na obra maior da redenção. A primeira criação encontrou o seu sentido e apogeu na nova criação em Cristo, cujo esplendor ultrapassa o da primeira.” (CEC 349).

Ainda neste sentido, a *Comissão Teológica Internacional* afirma que ao revelar-se o Cristo revela a humanidade a ela mesma:

A fé cristã na Redenção é acima de tudo, a fé em Deus. Em Jesus Cristo, Seu único Filho Encarnado, “aquele que os homens chamam de Deus” (São Tomé), revela-se revelando a si mesmo como o único e verdadeiro salvador, em que todos podem confiar. Ao mesmo tempo, no entanto, devemos observar que este Deus-salvador também revela a *humanidade* para ela mesma, e a própria condição desta fica, assim, radicalmente situada e constantemente chamada a se autodefinir em relação à salvação que lhe é oferecida. (CTI, 1997, p. 61).

Assim, por fidelidade a Sua promessa com a humanidade, Deus, no momento indicado, mandou ao mundo o seu Filho. Não se satisfaz em intervir somente por intermediários, ou seja, permanecendo distante dos que ele desejava salvar. “Em Jesus Cristo, Deus colocou-se no meio dos homens, Deus tornou-se um deles. O Pai mandou Seu único Filho, no Espírito Santo, para compartilhar da condição humana (em todas as coisas exceto no pecado), de modo a estabelecer a comunicação com a humanidade.” (CTI, 1997, p. 62).

A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, neste sentido, afirma que:

Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cfr. Jo. 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de Si mesmo na criação (cfr. Rom. 1, 1-20) e, além disso, decidindo abrir o caminho da salvação sobrenatural, manifestou-se a Si mesmo, desde o princípio, aos nossos primeiros pais. Depois da sua queda, com a promessa de redenção, deu-lhes a esperança da salvação (cfr. Gn 3,15), e cuidou continuamente do género humano, para dar a vida eterna a todos aqueles que, perseverando na prática das boas obras, procuram a salvação (cfr. Rom. 2, 6-7). (DV, 3).

Com isso, vê-se a iniciativa salvífica como algo continuado e conservado perene no Verbo (cf Jo, 1,3). O Verbo dá dignidade à pessoa humana redimindo-a, salvando-a.

A *Comissão Teológica Internacional* ao falar da dignidade da pessoa humana afirma que: “A encarnação redentora salienta a dignidade quase impensada de todo homem. Assim, no Cristo encarnado se encontra integralmente a dimensão divina e humana. O cristocentrismo é o princípio de base de uma antropologia cristã.” (CTI, 1983, n. 2).

2.2 - A dimensão humana e divina no Mistério da Redenção

Uma vez apreciada a visão de João Paulo II à luz da *Gaudium et Spes* sobre o mistério da redenção, convém aprofundar, sem esgotar, as considerações teológicas deste mistério que forja a identidade de cada homem à luz do Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Assim, o Papa Paulo VI, ao falar a respeito da última constituição do Concílio Vaticano II, diz o seguinte em sua homilia: “Toda pessoa inteligente, toda alma honrada deve conhecer essas páginas [da *Gaudium et Spes*] que assinalam o ponto de encontro entre Cristo e o homem moderno.” (PAULO VI, 1965).

Kloppenburger apresenta as seguintes palavras do Simon Duraisamy Lourdasamy, arcebispo de Bangalore (Índia):

Em Cristo, de fato, a criação tem sua plenitude. Não poderemos saber exaustiva e profundamente o que seja o homem sem antes considerarmos Cristo, que é o primogênito de toda a criatura: Ele é a perfeita imagem do Deus invisível, à imagem do qual todos nós homens fomos criados e cuja imagem devemos aperfeiçoar por meio de Cristo. Em Cristo, Deus está presente entre nós, convidando-nos através de sua presença transformante e santificante (= a graça). Por Ele, com Ele e n'Ele o homem recebe uma vida mais plena, amando a Deus e ao próximo nesta vida e na eterna. (Apud KLOPPENBURG, 1966, p. 75).

Kloppenburger cita ainda as palavras de Schick, que diz:

A essência do homem como “imagem de Deus” é verdadeira e propriamente revelada, particularmente pelo sacramento da Encarnação (*Sacramentum Incarnationis*). Cristo, pela Encarnação, abriu para os homens as portas duma transcendência para Deus até então ignorada. Portanto, o destino do homem foi mudado radicalmente em Cristo e, por isso, só em Cristo se pode compreender o que é o homem. (Apud KLOPPENBURG, 1966, p. 127).

Segundo a *Gaudium et Spes* “[...] o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente[...]” (GS, 22). Assim, a *Gaudium et Spes* diz que o Cristo revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime (GS, 22).

A esse respeito João Paulo II na Carta Encíclica *Redemptoris Hominis*, quando fala da redenção como renovada criação, mostra como o Concílio Vaticano II, ao analisar o mundo contemporâneo, chegava ao ponto mais importante do mundo visível que é o homem, “[...] descendo, como Cristo, até ao profundo das consciências humanas, que na

linguagem bíblica [e também na não bíblica] se exprime com a palavra ‘coração’. Cristo penetrou de maneira singular e que não se pode repetir, no mistério do homem e entrou em seu ‘coração’.” (RH, 8).

Ao mencionar a *Gaudium et Spes* 22 João Paulo II diz que:

Adão, de fato, o primeiro homem, era figura do futuro (Rom 5, 14), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu Amor, revela também plenamente o homem ao mesmo homem e descobre-lhe a sua vocação sublime. E depois, ainda: Imagem de Deus invisível (Col 1, 15), Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que n'Ele a natureza humana foi assumida, sem ter sido destruída, por isso mesmo também em nosso benefício ela foi elevada a uma dignidade sublime. Porque, pela sua Encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos de homem, pensou com uma mente de homem, agiu com uma vontade de homem e amou com um coração de homem. Nasceu da Virgem Maria, Ele tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado. Ele, o Redentor do homem. (RH, 8).

Ainda na encíclica *Redemptor Hominis*, João Paulo II reflete sobre a dimensão divina do mistério da redenção, referindo-se à *Gaudium et Spes* como um texto admirável do Magistério conciliar. Recorda que não se pode esquecer que Jesus Cristo, Filho de Deus vivo, se tornou nossa reconciliação junto do Pai. “Ele precisamente e só ele satisfaz ao eterno amor do Pai, àquela paternidade que desde o princípio se expressou na criação do mundo, na doação ao homem de toda a riqueza do que foi criado [...] enquanto ‘a imagem e à semelhança de Deus’.” (RH, 9).

É Cristo que satisfaz a paternidade e o amor de Deus rejeitado pelo homem quando rompeu com a primeira aliança feita com Deus. “A redenção do mundo, aquele tremendo mistério do amor em que a criação foi renovada, e na sua raiz mais profunda, a plenitude da justiça num coração humano: no coração do Filho Primogênito, a fim de que ela possa tornar-se justiça dos corações de muitos homens.” (RH, 9).

O mistério da redenção traz também uma dimensão humana, alega João Paulo II quando diz que:

O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente. E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é, se assim é lícito exprimir-se, a dimensão humana do mistério da Redenção. (RH, 10).

Na *Redemptor Hominis* João Paulo II diz que é nesse mistério da redenção que o homem “[...] reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprio da sua humanidade. No mistério da redenção o homem é novamente ‘reproduzido’ e, de algum modo, é novamente criado.” (RH, 10).

Ao tratar da revelação trazida por Cristo ao homem, Henri de Lubac diz:

Cristo, ao revelar o Pai e ao ser revelado por Ele, acaba por revelar o Homem a si mesmo. Ao tomar posse do Homem, agarrando-o e mergulhando até ao fundo do seu ser, obriga-o, igualmente, a descer até dentro de si mesmo, levando-o a descobrir, de forma inesperada, regiões até então desconhecidas. Por Cristo, a Pessoa torna-se adulta, o Homem emerge definitivamente do universo, toma plena consciência de sí. (DE LUBAC, 1988, p. 238).

A esse respeito, João Paulo II na bula de proclamação do jubileu pelo 1950º aniversário da redenção diz que a mesma não só revela Deus ao homem, mas revela o homem a si mesmo. “Ela é elemento constitutivo da história humana, por que não se é homem sem plenitude se não se viver na redenção, a qual leva o mesmo homem a descobrir as raízes profundas de sua pessoa, ferida pelo pecado e pelas suas dilacerantes contradições, mas salva por feito, à medida que convém à plena maturidade de Cristo.” (JOÃO PAULO II, 1983a, p. 36).

Schulte, ao descrever a redenção, explica a seu modo a Encarnação, diz que Jesus Cristo é a corporização da vontade de Deus:

Esse homem é Deus. Deus de modo humano e homem de modo divino: esse mediador é a mensagem, a corporização da vontade de Deus de entrar em comunhão com seu povo e com a humanidade em geral, cuja salvação não apenas se garante dessa forma (encarnação), mas já está realizada no meio dela, na base, no princípio que é Jesus Cristo. (SCHULTE, 1977, p. 15).

Toda a vida de Cristo a partir de suas ações em meio à humanidade se mostrará como revelação do Pai, suas mínimas atitudes se revelaram como grandes sinais do amor de Deus pela humanidade. É neste sentido que o *Catecismo da Igreja Católica* fala da vida de Cristo como um movimento de entrega: “Cristo não viveu sua vida para si mesmo, mas para nós, desde a sua encarnação ‘por nós homens, e por nossa salvação’ até sua Morte ‘por nossos pecados’ e sua Ressurreição ‘para nossa justificação’.” (CEC 519). Por isso, o Cristo que revela o Pai se entrega por Ele e pela humanidade.

Em Jesus Cristo o Pai nos revela o seu amor, mostrando todas as dimensões da condição humana nos gerando para a mais alta vocação que é a comunhão com Deus. Na *Redemptor Hominis* João Paulo II afirma:

O homem que quiser compreender-se a si mesmo profundamente — não apenas segundo imediatos, parciais, não raro superficiais e até mesmo só aparentes critérios e medidas do próprio ser — deve, com a sua inquietude, incerteza e também fraqueza e pecaminosidade, com a sua vida e com a sua morte, aproximar-se de Cristo. Ele deve, por assim dizer, entrar n’Ele com tudo o que é em si mesmo, deve “apropriar-se” e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção, para se encontrar a si mesmo. Se no homem se atuar este processo profundo, então ele produz frutos, não somente de adoração de Deus, mas também de profunda maravilha perante si próprio. Que grande valor deve ter o homem aos olhos do Criador, se “mereceu ter um tal e tão grande Redentor”, se “Deus deu o seu Filho”, para que ele, o homem, (não pereça, mas tenha a vida eterna). (RH, 10).

Isso significa, que segundo João Paulo II, como vimos, o homem precisa assimilar toda a realidade da Encarnação e Redenção para ser si mesmo.

Se para ser si mesmo o homem deve entrar num caminho de conhecimento de Jesus Cristo e dos mistérios de sua vida, convém recordar que ao citar a carta de São Paulo aos Colossenses: “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois é nele que foram criadas todas as coisas, no céu e na terra, os seres visíveis e os invisíveis, tronos, dominações, principados e potestades; tudo foi criado por ele e para ele.” (Cl 1,15), A *Gaudium et Spes* afirma que Cristo é o homem perfeito “[...] que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Já que nele, a natureza humana foi assumida, e não destruída, por isso em nós ela foi elevada a sublime dignidade. Por que pela encarnação, ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem.” (GS, 22).

Foi para o homem que teve lugar o advento do Filho de Deus, Ele vem para recapitular em si toda a criação a partir do homem. Tillard usa as palavras de Santo Irineu para explicar este evento:

O homem que perecera, eis o que veio a ser o Verbo salvador; ele realizava por si mesmo a comunhão do homem consigo e a demanda da sua salvação. Aquilo que havia perecido possuía sangue e carne. Porquanto, tomando o limo da terra, o Senhor formou o homem: foi para este que teve lugar toda a economia da vinda do Senhor. Teve, pois, este próprio carne e sangue, e recapitulou em si não alguma outra criação, mas sim a obra primitivamente formada pelo Pai, a fim de buscar o que havia perecido. (SANTO IRINEU apud TILLARD, 1967, p. 217).

As palavras de Santo Irineu citadas por Tillard indicam, além da dignidade do homem o empenho divino em assumir o homem inteiro para realizar a comunhão outrora perdida. Assim, a novidade do homem Jesus resulta da iniciativa criadora de Deus que confere ao Filho existência humana (CARDEDAL, 2001).

A esse respeito Ladaria diz que “[...] quando o homem, definido em sua natureza por sua ‘indefinibilidade’, é assumido por Deus como sua realidade própria, atinge o lugar para o qual, por sua essência, se encaminha desde sempre; por isso, a encarnação de Deus é o ápice de realização da essência humana plena.” (LADARIA, 1998, p. 60). Somente em Jesus temos a visão adequada do homem. Cristo revela a verdadeira essência do homem. Ao mencionar o pensamento de Santo Irineu, Ladaria diz que: “Desde sempre se dizia que o homem fora feito à imagem de Deus, mas só com a vinda de Jesus Cristo se vê o verdadeiro alcance dessa afirmação.” (LADARIA, 1998, p. 64). A grandeza e a dignidade do homem encontram em Cristo sua fonte e ápice, fundamenta-se em Cristo e encontram nele sua maior expressão (LADARIA, *apud* SESBOUE, 2003).

Segundo a *Gaudium et Spes*, a raiz última da dignidade do ser humano

[...] consiste na sua vocação à união com Deus. E desde o começo da sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por ele, por amor, constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu criador. (GS,19).

Ladaria afirma que o ponto mais decisivo do ensinamento conciliar sobre o ser humano é a relação entre o mistério de Cristo e o mistério do homem (LADARIA, *apud* SESBOUE, 2003). Segundo ele essa realidade é expressa de forma clara no documento conciliar *Gaudium et Spes*, precisamente no emblemático número 22, que diz:

Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efetivamente figura do futuro (20), isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude. (GS, 22).

A esse respeito Karl Barth diz que: “ O homem não conhece a si mesmo a partir de si mesmo, ele tem que ser descoberto por meio da manifestação de Jesus Cristo.” (BARTH, 2017, p. 143).

Jesus Cristo é o homem novo que revela ao homem aquilo que verdadeiramente ele é. Rubio diz que Jesus Cristo considerado segundo Adão é designado como o homem novo, é “[...] o homem sonhado, o homem que as religiões e as civilizações, sob as mais diversas formas idealizaram.” (RUBIO, 1989, p. 164). É o homem esperado pelos místicos e poetas, o homem que o ser humano comum gostaria de ser, Jesus Cristo não só corresponde, mas supera tais expectativas, pois é o homem novo em um sentido muito mais rico que o homem ousou sonhar. “Homem novo, dom gratuito do amor desconcertante de Deus [...]. Jesus é a cabeça e início da nova humanidade. Nele se revela a verdade do homem, aquilo que o homem é chamado a ser, segundo o desígnio divino. Nele, as divisões e inimizades [...] são superadas.” (RUBIO, 1989, p. 164).

A *Gaudium et Spes* apresenta Cristo como o homem perfeito: “Ele é o homem perfeito, que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado.” (GS, 22).

Em concordância com o documento conciliar, Ladaria vai dizer que essa perfeição de Cristo não se dá somente “[...] porque assume a natureza humana em sua integridade, mas também porque nele se realiza no mais alto grau o desígnio de Deus sobre a humanidade [...] assim o concílio indica um caminho a seguir na investigação teológica sobre o homem.” (LADARIA, *apud* SESBOUE, 2003, p. 131).

Neste itinerário de investigação, a *Gaudium et Spes* acena sobre os desejos da interioridade do homem e de sua sede de sentido, afirma que:

Só Deus, [...], vai ao encontro dos anseios mais profundos do coração humano, que nunca se satisfaz plenamente com o que este mundo tem para oferecer. [...] A experiência de épocas passadas prova isso, assim como numerosas indicações em nossa própria época. Pois o homem sempre desejará saber, pelo menos de forma obscura, qual é o sentido de sua vida, de sua atividade, de sua morte. [...] somente Deus, que criou o homem à sua imagem e o resgatou do pecado, fornece a resposta mais adequada às perguntas, e isso Ele faz por meio do que revelou em Cristo Seu Filho, que se fez homem. Quem segue a Cristo, o homem perfeito, torna-se ele mesmo mais homem. (GS, 41).

É certo que defender a dignidade da pessoa humana, restituindo a esperança àqueles que já desesperam do seu destino sublime vai de acordo com os desejos mais profundos do coração do homem. Fora dessa sublime vocação, que é a união do homem com Deus (GS, 19), nada pode satisfazer o coração humano (GS, 21). Tal verdade é retratada por Santo Agostinho em sua célebre frase: “Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti.” (SANTO AGOSTINHO, 2011, p. 27).

2.3 - A Redenção do homem como participação no sofrimento de Cristo

A mencionada dimensão humana e divina do mistério da redenção tem certas especificidades, talvez a mais intrigante seja o mistério do sofrimento. A redenção humana se realiza pelo mistério da Encarnação, que é uma forma de descida de Deus em direção ao homem e ainda mais pelo mistério da cruz: “O Verbo de Deus [...] ensina-nos com o seu exemplo que também devemos levar a cruz que a carne e o mundo fazem pesar sobre os ombros daqueles que buscam a paz e a justiça.” (GS, 38).

Assim, “[...] a primeira luz que a redenção de Cristo lança sobre a humanidade é que Ele a revela para si mesma como sendo, ao mesmo tempo, *destinada* à salvação e *capaz* de aceitá-la.” (CTI, 1997, n. 17, p. 61). Esta realidade serve também para o contexto da dimensão salvífica do sofrimento. A redenção do homem como participação no sofrimento de Cristo nos faz “[...] penetrar no sentido salvífico do sofrimento.” (SD, 1).

Esse sentido é plenamente esclarecido no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. João Paulo II na carta apostólica *Salvifici Doloris* diz que: “No sofrimento se esconde uma força particular que aproxima interiormente o homem de Cristo, uma graça particular.” (SD, 26). Diz ainda que o sofrimento “[...] faz parte, certamente, do mistério do homem. Talvez não esteja tão envolvido como o mesmo homem por este mistério, que é particularmente impenetrável.” (SD, 30). Para João Paulo II essa verdade é expressa pelo Concílio Vaticano II quando diz na *Gaudium et Spes* 22 que: “[...] na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado encontra verdadeira

luz o mistério do homem. Com efeito [...] *Cristo*, que é o novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do Seu amor, também manifesta plenamente o homem ao homem e descobre-lhe a sublimidade da sua vocação.” (GS, 22). A esse respeito ele explica que:

[...] se é verdade que estas palavras dizem respeito a tudo o que concerne o mistério do homem, então elas referem-se de modo particularíssimo, certamente, *ao sofrimento humano*. Quanto a este ponto, o “revelar o homem ao homem e descobrir-lhe a sublimidade de sua vocação” é sobremaneira *indispensável*. Acontece, porém — como a experiência demonstra — isso ser particularmente *dramático*. Mas quando se realiza totalmente e se transforma em luz para a vida humana, é também particularmente *bem-aventurante*. “Por Cristo e em Cristo se esclarece o enigma da dor e da morte. (SD, 31).

Dentro desse assunto a *Salvifici Doloris* diz que: “O sofrimento parece pertencer à transcendência do homem; é um daqueles pontos em que o homem está, em certo sentido, ‘destinado’ a superar-se a si mesmo; e é chamado de modo misterioso a fazê-lo.” (SD, 2). Rubio diz que, diante do desafio do sofrimento humano, o homem é convidado a olhar para cruz de Jesus Cristo, pois é nela que se revela o sentido do sofrimento (RUBIO, 1989).

Rubio ainda destaca a realidade da solidariedade na dor. Não tendo cometido pecado, o Cristo assume na própria carne essa consequência do já mencionado pecado de Adão: “O Deus cristão não explica propriamente [...] o sofrimento. O que faz é assumir em solidariedade com o sofrimento humano para, assim, vencê-lo. É um Deus que em Jesus Cristo compartilha da dor humana.” (RUBIO, 1989, p. 556-557).

Para Kessler, o Verbo Encarnado, em solidariedade aos seres humanos, adentra a miséria extrema da distância para com Deus, o pecado, e “[...] experimenta em si mesmo suas consequências malignas.” (KESSLER, 2012, p. 379).

Trata-se de um inserir-se no seguimento de Jesus Cristo, seguimento este “[...] que implica [...] o aceitar e o assumir o sofrimento que atinge pessoalmente o cristão oferecendo-o pelos irmãos em união com Jesus Cristo, na consciência de que constitui uma mediação libertadora, quanto o viver a solidariedade em relação aos sofrimentos dos outros.” (RUBIO, 1989, p. 558).

O Cristo se identifica não só com os que sofrem sem aparente culpa, mas até com os de atos culposos, na medida em que eles próprios são golpeados pelas consequências de seus próprios pecados. Estes transformam em vítima o Filho de Deus que se deixa atingir porque se solidariza e identifica com eles em atitude de amor. Em última análise, esta é uma “solidarização realmente quenótica” do Filho de Deus com os sofredores e pecadores, tendo a Paixão como seu ponto culminante (KESSLER, 2012).

O *Catecismo da Igreja Católica* apresenta Jesus Cristo como um modelo a ser seguido, inclusive em seu sofrimento redentor. “Ele é ‘o homem perfeito’ que nos convida a tornar-nos seus discípulos e a segui-lo: por seu rebaixamento, deu-nos um exemplo [...] por sua pobreza, chama a aceitar livremente o despojamento e as perseguições.” (CEC 520).

O Sofrimento de Cristo revela um amor salvífico e redentor e na base do rebaixamento de Cristo está o amor de Deus. Assim somos salvos pelo amor de Deus que se manifestou em Jesus Cristo. Sobre o tema do amor salvífico na perspectiva do sofrimento, a *Salvifici Doloris* afirma o seguinte:

Deus dá o seu Filho ao “mundo” para libertar o homem do mal, que traz em si a definitiva e absoluta perspectiva do sofrimento. Ao mesmo tempo, a palavra “dá” (“deu”) indica que esta libertação deve ser realizada pelo Filho unigênito, mediante o seu próprio sofrimento. E nisto se manifesta o amor, o amor infinito, quer do mesmo Filho unigênito, quer do Pai, o qual “dá” para isso o seu Filho. Tal é o amor para com o homem, o amor pelo “mundo”: é o amor salvífico. (SD, 14).

Na Encíclica *Fides et Ratio*, João Paulo II reconhece que este é um “[...] mistério verdadeiramente grande para a mente humana, porque lhe parece insustentável que o sofrimento e a morte possam exprimir o amor que se dá sem pedir nada em troca.” (FR, 93).

A esse respeito Ciola diz que: “A onipotência do amor divino supera a importância do sofrer. Mesmo não sendo eliminado, o sofrimento é transmutado a partir de dentro, transformado em esperança.” (CIOLA, 1992 p. 71). O Filho de Deus “[...] sofrendo por nós, não só nos deu exemplo, para que sigamos os seus passos, mas também abriu um novo caminho, em que a vida e a morte são santificados e recebem um novo sentido.” (GS, 22).

E é neste contexto que se apresenta o mistério da cruz: “A cruz não é apenas consequência do modo terreno de Jesus viver, mas o fim da encarnação não é algo de acrescentado, mas a meta para a qual tende o acontecimento de Cristo, para a qual tudo sinaliza.” (CIOLA, 1992 p. 69). Meta é sinal que estão intrinsecamente ligados ao mistério do amor de Deus pela humanidade.

E para o ser humano é a realidade do amor, que apesar de mal compreendida nos tempos atuais, sempre exige renúncia. Bento XVI diz, na *Spe Salvi*, que a realidade do amor, o sim ao amor exige certas expropriações do próprio eu: “O ‘sim’ ao amor é fonte de sofrimento, porque o amor exige sempre expropriações do meu eu, nas quais me deixo podar e ferir. O amor não pode, de modo algum, existir sem essa renúncia mesmo dolorosa a mim mesmo, senão torna-se puro egoísmo.” (SS, 38). Ainda, segundo a *Spe*

Salvi “[...] a capacidade de sofrer por amor da verdade é medida de humanidade. No entanto, esta capacidade de sofrer depende do gênero e da grandeza da esperança que trazemos dentro de nós e sobre a qual construímos.” (SS, 39).

De fato, “Deus amou o mundo, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna, pois Deus enviou seu Filho ao mundo não para condenar o mundo mas para que o mundo seja salvo por meio dele.” (Jo, 3,16).

A vivência da dimensão do amor fortalece o ser humano para o enfrentamento das realidades mais difíceis e inimagináveis.

Ainda sobre a realidade do amor que confere sentido ao sofrimento, o então cardeal Ratzinger, em *Introdução ao cristianismo* afirma que, de fato, somente o amor pode fazer brotar sentido das situações de sofrimento:

Só o amor confere rumo e sentido ao sofrimento. Fosse outro o caso, os algozes do Calvário teriam sido verdadeiros sacerdotes; os que provocaram a dor teriam oferecido o sacrifício. Mas, como não dependia disto, mas daquele núcleo que o sustenta e realiza, não foram os carrascos e sim Jesus o sacerdote a unir em seu corpo os dois extremos separados do mundo. (RATZINGER, 2006, p. 229).

Para Ciola, “Deus não se teria tornado verdadeiramente homem se não tivesse entrado no abismo e na noite da morte. Isso, porém, significa em última análise que a filiação divina de Jesus deve ser entendida, não a partir do seu nascimento eterno e temporal, mas da sua morte na cruz .” (CIOLA, 1992, p. 69).

São Paulo expressava a seu modo o mistério da participação no sofrimento de Cristo: “Alegro-me nos sofrimentos que tenho suportado por vós e completo o que na minha carne falta às tribulações de Cristo.” (Cl 1,24).

Essa espécie de participação é possível pela ação do Espírito Santo, como afirma a *Gaudium et Spes*: “O Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.” (GS, 22). E assim “[...] com esta revelação do Pai e efusão do Espírito Santo, que imprimem um sigilo indelével no mistério da Redenção, se explica o sentido da cruz e da morte de Cristo.” (RH, 9).

Forma privilegiada de participação no sofrimento de Cristo é o martírio. A *Lumen Gentium* é assertiva quando, ao falar dos discípulos que caminham para se assemelhar ao mestre, apresenta a graça do martírio como um dom supremo de amor:

O martírio, pelo qual o discípulo se torna semelhante ao mestre, que livremente aceitou a morte para salvação do mundo, e a Ele se conforma no derramamento do sangue, é considerado pela Igreja como um dom insigne e prova suprema de amor. E embora seja concedido a poucos, todos, porém, devem estar dispostos a confessar a Cristo diante dos homens e a segui-l’O no caminho da cruz em meio das perseguições que nunca faltarão à Igreja. (LG, 42).

A redenção como participação no sofrimento de Cristo não se dá como uma espécie de escolha masoquista pelo sofrimento, não se trata de escolher a dor pela dor. O sentido é a união com Cristo, que sofreu por nos amar e para que tivéssemos vida n'Ele. É por esse motivo que a *Spe Salvi* explicita o que realmente cura o ser humano. Não é fugir, mas amadurecer no caminho de união com Cristo: “[...] não é o evitar o sofrimento, a fuga diante da dor, que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor.” (SS, 37).

CAPÍTULO III

A IDENTIDADE SUBLIME DO HOMEM: PARTICIPAR DA VIDA DE CRISTO

O terceiro capítulo pretende mostrar o caminho que leva à identidade sublime do homem, isto é, o participar da vida de Cristo. A investigação passará desde a concepção de teólogos contemporâneos até o pensamento do magistério.

O primeiro tópico aborda essa participação, que se dá de forma efetiva por meio do sacramento do Batismo. A pessoa batizada é enxertada no mistério pascal de Cristo e recebe o espírito de adoção filial. Ao receber o sacramento do batismo cada ser humano torna-se assim filho no Filho, configurando-se a Cristo.

O segundo tópico trabalha a Ressurreição de Cristo como transformação plena do homem à imagem de Cristo. Pela Ressurreição de Cristo supera-se a imagem deturpada que fora imprimida na humanidade pelo pecado de Adão. A ressurreição do Filho inaugura uma nova dimensão do ser homem. É a prefiguração do homem futuro. Assim, ao assumir a vida em Cristo o ser humano poderá participar da comunhão com Deus.

O terceiro tópico conta com a reflexão e compreensão do aparato teológico da figura de Maria ao longo dos séculos. Neste tópico a mariologia dialoga com a escatologia. Maria é apresentada como o protótipo da verdadeira participação na vida de Cristo, por isso Maria é sublime identidade em antecipação. Nela se antecipa aquilo que espera para toda a humanidade, ela é plena em Deus.

3.1 - Filhos no Filho: a configuração do Homem a Cristo

A revelação da identidade do homem à luz do mistério de Cristo alcança seu ápice na vida do cristão quando estes, pelo Batismo, se tornam participantes da vida de Cristo. O homem, criado para a plenitude, perde as graças recebidas, mas é redimido a partir da Encarnação do Filho, pois este é chamado a uma vocação sublime.

Bento XVI, na audiência geral do dia 09 de Janeiro de 2013, alega que a salvação que Deus trouxe à humanidade e que se fez carne em Jesus Cristo através do mistério da encarnação, atinge o homem na realidade concreta, independentemente da situação em que o mesmo se encontre: “Deus assumiu a condição humana para a purificar de tudo aquilo que a separa dele, para nos permitir chamá-lo, no seu Filho Unigênito, com o nome ‘Abá, Pai’ e assim ser verdadeiramente filhos de Deus.” (BENTO XVI, 2013).

Citando Santo Irineu, Bento XVI diz ainda que: “Este é o motivo pelo qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a filiação divina, se tornasse filho de

Deus.” (SANTO IRINEU apud BENTO XVI, 2013). É nisto que a condição do filho se distingue da condição do escravo. O pecado está na ruptura desta comunhão de bens e de vida com Deus.

Lopes, ao comentar a *Gaudium et Spes* diz que o “[...] Concílio Vaticano II quer lembrar aos homens e às mulheres que vivem um mundo de tantas possibilidades e riquezas, mas também imensas dores e limitações, a dignidade do ser humano chamado a ser filho e filha de Deus.” (LOPES, 2011, p. 8).

A esse respeito a *Comissão de Teológica Internacional* diz que:

Na medida em que um membro da família humana é o próprio Filho de Deus, todos membros da família humana é o próprio Filho, todos os outros são elevados a uma nova dignidade, como seus irmãos e irmãs. Precisamente porque a natureza humana que Cristo assumiu manteve sua identidade de criatura, a própria natureza humana foi erguida a uma condição mais elevada. (CTI, 1997, p. 68).

Rubio, ao citar a carta de São Paulo aos Romanos, diz que os “[...] cristãos [...] tornam-se filhos de Deus, mediante a ação do Espírito Santo (cf. Rm 8,1-27). ” (RUBIO, 1989, p. 164). E que, em consequência, é necessário ter a consciência de que Deus os predestinou para serem “[...] a imagem de seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos (Cf. Rm 8,29). ”(RUBIO, 1989, p. 164). Rubio diz que essa configuração a Cristo, filho de Deus, já está sendo realizada, porém, só irá aparecer em plenitude na ressurreição dos cristãos (RUBIO, 1989). Como parte da nossa identidade em Jesus Cristo somos inevitavelmente Filhos de Deus, o Evangelista João diz: “[...] deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus.” (Jo 1,12).

A esse respeito Miranda diz que: “A relação a Deus expressa na atitude filial de Jesus Cristo é a identidade última de toda criatura, embora apenas no ser humano se torna ela consciente e tematizada .” (MIRANDA, 2004, p. 192). Diz ainda que:

A consistência e a identidade das criaturas está em assumir a atitude filial de Jesus Cristo, possibilitada pelo dinamismo do Espírito Criador nelas presente. Assim eles participam da própria vida de Deus. Estreitamente relacionadas com o ser humano, pois este pode, consciente e livremente, ser filho no Filho, concretizando o desígnio último de Deus para a criação. (MIRANDA, 2004, p. 193).

Para Rubio, “[...] ser imagem conforme a imagem que é Jesus Cristo, significa, pois, receber a filiação divina pela ação do Espírito Santo. Os irmãos do primogênito são também filhos do mesmo Pai. O homem novo, o primogênito entre os irmãos, comunica mediante o Espírito a filiação divina.” (RUBIO, 1989, p. 165).

Assim afirma São Paulo na carta aos Gálatas:

Quando se completou o tempo previsto, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que eram sujeitos à Lei, e todos recebermos a dignidade de filhos. E a prova de que sois filhos é que Deus enviou

aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá, Pai! ”. Portanto, já não é mais escravo, mas filho; e, se és filho, és também herdeiros; tudo isso, por graça de Deus. (Gl 4, 4-7).

Ladaria, ao comentar esse texto bíblico, diz que: “A missão do Filho, que assume a condição humana nascendo sob a lei, e de uma mulher, tem em Gálatas, a finalidade de resgatar aqueles que estão sob a lei, para que consigamos a filiação. A salvação do homem, para a qual a encarnação está orientada, é aqui expressa em termos de filiação adotiva.” (LADARIA, 1998, p. 118).

A *Gaudium et Spes*, fazendo uso do texto de São Paulo aos Gálatas, diz que:

Tal é, e tão grande, o mistério do homem, que a revelação cristã manifesta aos que crêem. E assim, por Cristo e em Cristo, esclarece-se o enigma da dor e da morte, o qual, fora do Seu Evangelho, nos esmaga. Cristo ressuscitou, destruindo a morte com a própria morte, e deu-nos a vida, para que, tornados filhos no Filho, exclamemos no Espírito: Abba, Pai. (GS, 22).

Essa filiação divina é recebida pelo batismo sacramental conforme a *Sacrosanctum Concilium*: “Pelo Batismo são os homens enxertados no mistério pascal de Cristo: mortos com Ele, sepultados com Ele, com Ele ressuscitados; recebem o espírito de adoção filial que ‘nos faz clamar: Abba, Pai (Rom. 8,15).” (SC, 6). A esse respeito Kloppenburg ainda diz que “[...] no pecado o homem perdeu a imagem de Deus[..], imagem que no lavacro batismal foi lhe reprimada.” (KLOPPENBURG, 1966, p. 95).

De fato, o *Catecismo da Igreja Católica* nos confirma, essa aderência à identidade filiar através do sacramento do batismo e diz:

Pelo Batismo, o cristão é sacramentalmente assimilado a Jesus, que antecipa em seu Batismo a sua Morte e a sua Ressurreição; deve entrar neste mistério de rebaixamento humilde e de arrependimento, descer à água com Jesus para subir novamente com ele, renascer da água e do Espírito para tornar-se, no Filho, filho bem-amado do Pai e “viver em uma vida nova” (Rm 6,4). (CEC 537).

Nessa mesma linha Ladaria vai dizer que “[...] só tem sentido falar da filiação do homem tendo como pano de fundo a filiação divina e em relação com ela Jesus é o único que pode nos introduzir na relação de filiação que tem com Deus.” (LADARIA, 1998, p. 116).

E Rubio afirma que:

Cristo no Espírito inaugura uma nova humanidade. Mas é necessário para participar nela que cada homem fique incorporado ao Cristo, aceitando ser transformado por ele. Em que consiste a vida desse cristão? Em Rm 6, 4-11, São Paulo responde afirmando que pelo batismo os cristãos ficam unidos à morte de Jesus Cristo e participa da vida nova. (RUBIO, 1989, p. 167).

Assim, aqueles que recebem a filiação divina por adoção tornam-se homens novos, pelo Espírito, pois: “Na filiação divina, desempenha papel fundamental o Espírito Santo, como Espírito do Filho enviado pelo Pai, ou espírito de filiação (o próprio Espírito

Santo ou a postura que ele cria em nós).” (LADARIA, 1998, p. 118). É no Espírito e a partir do Batismo que o ser humano deverá viver sua verdadeira identidade.

Sendo assim, em concordância com Ladaria é possível afirmar que “[...] a filiação divina é uma participação na relação única e irrepetível que Jesus tem com o Pai. Não é possível, portanto, vivê-la sem a comunhão com Jesus.” (LADARIA, 1998, p. 118).

A *Gaudium et Spes*, ao falar dessa ação do Espírito Santo, diz que “[...] o cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o Primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe ‘as primícias do Espírito’, que o torna capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, ‘penhor da herança’, o homem todo é renovado interiormente, até à ‘redenção do corpo’.” (GS, 22).

O Concílio Vaticano II através da *Lumen Gentium* afirma ainda que a graça batismal não só nos insere na filiação divina, como nos leva ainda a participar da natureza divina: “Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos.” (LG, 40).

A esse respeito Oñatibia diz que:

É a vida imutável, incorruptível, imortal, eterna, é a vida mesma de Deus, na medida que é participada pelas criaturas. Aqui encontramos a afirmação principal de Pedro (II Pd 1,4) “a fim de que vos torneis participantes da natureza divina”, sem dúvida é pelo batismo que quem nasce assim é mais Filho de Deus que de seus próprios pais. (OÑATIBIA, 2000, p.181).

Segundo Ladaria: “Não existe doutrina nenhuma da divinização se ela não está em íntima relação com a doutrina trinitária. O mistério do homem é contemplado à luz dela. Em virtude do Espírito Santo, unindo-nos a Jesus, tornamo-nos filhos de Deus.” (LADARIA, 1998, p. 118). Ladaria diz ainda que “[...] estar em Jesus é participar da vida que ele tem e é, recebida, por sua vez, do Pai, é o centro e o fundamento da existência do crente e a máxima plenitude a que o homem possa aspirar.” (LADARIA, 1998, p. 118).

É o Espírito Santo que comunica a filiação divina, transfigurando o cristão à imagem de Jesus Cristo (RUBIO, 1989). “Participante da nova humanidade [...] transfigurado na imagem verdadeira e plena do Pai, quer dizer, conforme à imagem que é Jesus Cristo o cristão é uma nova criatura.” (RUBIO, 1989, p. 165).

Ladaria diz que “[...] a comunhão com a natureza divina é vista em contraposição à corrupção do mundo. Trata-se, pois, de duas condições diferentes em que o homem pode encontrar-se. É o conhecimento de Jesus que o faz fugir da corrupção do mundo.” (LADARIA, 1998, p. 126). Sendo assim, a participação da natureza divina deve ser vista

em conexão com nossa relação com Cristo, oposta a corrupção do mundo (LADARIA, 1998).

São Paulo na sua segunda carta à comunidade de Corinto nos fala a respeito dessa vida nova em Cristo: “Portanto se alguém está em Cristo, é uma nova criatura. O que era antigo passou; eis que tudo se faz novo.” (2 Cor 5, 17).

Ao comentar esse trecho da carta ao Coríntios, Rubio diz:

[...] e por que é uma “nova criatura”, os cristãos não devem ficar prisioneiros do passado. A circuncisão está superada, não tem mais valor (cf. Gl 6,15), “passaram-se as coisas antigas” (2 Cor 5,17). O Cristão é uma “nova criatura”, não no sentido jurídico, mas porque recebe, de fato, como dom, o princípio de um novo modo de existir. Criação nova realizada por Deus, cumprimento da primeira criação. Em Jesus Cristo e na sua ação nos cristãos é que brilha mais potently a realidade e o significado mais profundo da ação criadora divina. (RUBIO, 1989, p. 165).

Para Ladaria esse texto de Coríntios “[...] expressa a mudança de situação do homem que adere a Cristo, uma novidade. Embora continue a ser o mesmo homem, vive de modo diferente. (LADARIA, 1998, p. 126).

Assim, conclui-se que ser filhos no Filho implica reconhecer continuamente o amor do Pai, conforme afirma Mario de França Miranda:

A humanidade de Jesus em sua vida manifesta a identidade última e a estrutura subjacente de todo ser criado. Jesus aceita Deus como seu Pai e criador em sua existência. Ele o faz porque é homem, que sabe ser diferente de Deus e limitado. Desse modo, Jesus revela, tematizando em sua história, o que constitui a identidade de qualquer ser criado: reconhecer Deus como Deus, honrá-lo como Pai e Criador. Toda a vida de Jesus Cristo foi levar seus semelhantes a mesma atitude fundamental, pondo-se totalmente a serviço do reino de Deus. Todo ser humano tem aqui a razão última da sua existência, que confere sentido e consistência a sua vida. (MIRANDA, 2004, p. 191).

Dessa forma, vê-se que o reconhecimento de Deus como Pai gera participação naquela resposta dada por Jesus ao Pai no alto da cruz: “E Jesus clamou com voz forte: ‘Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito’. Dizendo isto expirou” (Lc 23,46): resposta que não ficou sem resposta. A ressurreição do Filho foi a resposta do Pai, e esta aponta a nossa ressurreição futura.

3.2 - Ressurreição, transformação plena do homem à imagem de Cristo

Cristo com a sua ressurreição se converteu em fonte de vida para todos os que nele creem. Neste sentido Luis Francisco Ladaria considera que: “[...] se o primeiro Adão foi a fonte da vida terrena, uma vida que termina na morte, Jesus, segundo e definitivo Adão, é a fonte do Espírito, da vida definitiva, que agora preenche sua humanidade perfeitamente divinizada e em total comunhão de vida com o Pai.” (LADARIA, 2005, p. 102).

O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que: “A Ressurreição de Cristo é objeto de fé enquanto intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história [...]. Ela aconteceu pelo poder do Pai que ‘ressuscitou’ (At 2,24) Cristo, seu Filho, e desta forma introduziu de modo perfeito sua humanidade, com seu corpo, na Trindade.” (CEC 648).

A Ressurreição de Cristo sob o signo da fé não é obra do acaso, mas obra do próprio Deus na criação e na história. Nela há uma ação das três pessoas da Trindade, que “[...] agem ao mesmo tempo, juntas e manifestam sua originalidade própria.” (CEC 648).

Como fala São Paulo em sua carta aos Romanos: “Segundo o espírito de santidade [Jesus] foi constituído filho de Deus com poder, desde a ressurreição dos mortos.” (Rm 1,4). E, neste sentido, o *Catecismo* afirma que: “São Paulo insiste na manifestação do poder de Deus pela obra do Espírito que vivificou a humanidade morta de Jesus e a chamou ao estado glorioso de Senhor.” (CEC 648).

O mesmo *Catecismo* esclarece que o Mistério Pascal de Jesus se manifesta em dois aspectos:

[...] por sua Morte Jesus nos liberta do pecado, por sua Ressurreição Ele nos abre as portas de uma nova vida. Esta é primeiramente a justificação que nos restitui a graça de Deus, “a fim de que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova” (Rm, 6,4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação da graça. Ela realiza a adoção filial, pois os homens se tornam irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama seus discípulos após a Ressurreição: “Ide anunciar a meus irmãos” (Mt 28,10). Irmãos não por natureza, mas por dom da graça, visto que esta filiação adotiva proporciona uma participação real na vida do Filho Único, que se revelou plenamente em sua Ressurreição, (CEC 654).

Ao falar dessa filiação adotiva como Graça de Deus, Ladaria diz que: “Se Jesus aparece como Filho de Deus em potência na sua ressurreição dentre os mortos, de modo semelhante nossa filiação será plena quando nossa conformidade a Ele for total” (LADARIA, 1998, p. 118).

Deus se manifestou verdadeiramente, demonstrando que a ressurreição do seu Filho seria de uma vez por todas elevada “[...] para um gênero de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso: uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem.” (RATZINGER, 2011, p. 219).

Na perspectiva paulina, é na “Ressurreição que se revela plenamente o ser do Deus feito homem (Rm 1,4). A Ressurreição de Cristo se torna também a Ressurreição da humanidade e da matéria (Fl 3,10).” (KLOPPENBURG, 1966, p. 94).

A esse respeito Rubio diz que: “A partir da Ressurreição, manifesta-se um novo modo, oposto ao anterior, de ser homem. No Ressuscitado (sempre em conexão com a

vida toda e com a morte de Jesus Cristo) encontra a fé cristã o verdadeiro significado do que seja ser homem.” (RUBIO, 1989, p. 162).

O apóstolo São Paulo em sua carta aos Coríntios, ao falar da Ressurreição de Cristo e do efeito dessa Ressurreição na vida dos homens, diz que:

Se existe um corpo animal existe também um corpo espiritual. E como está escrito: O primeiro homem, Adão, “tornou-se um ser vivente”; o último Adão [Cristo] tornou-se um espírito que da vida [...]. O primeiro homem formado da terra, era terrestre; o segundo homem veio do céu. Como foi o homem terrestre, assim são os terrestres; e como é o homem celeste, assim serão os celestes. E como já trouxemos a imagem do terrestre, traremos também a imagem do celeste. (1 Cor, 15 44-49).

Rubio, ao comentar esse texto de São Paulo, diz que Paulo corajosamente afirma que o homem originalmente não é divino, não é de origem celestial, ao contrário, o homem é terrestre e pecador na história da humanidade, porém através da Ressurreição de Cristo o homem que é terrestre é chamado a ser celeste, à semelhança de Cristo Ressuscitado (RUBIO, 1989).

Rubio diz ainda que:

O antigo Adão já era imagem de Deus, mas uma imagem incompleta e deturpada pela decisão negativa do homem em não assumir a sua vocação de criatura responsável. É esta imagem de Adão, de traços desfigurados, que o cristão vai superando para se revestir da imagem plena e completa que é Jesus Cristo. (RUBIO, 1989, p. 163).

Ao tratar da escatologia da *Gaudium et Spes*, Ladaria cita o número 18: “Deus chamou e chama o homem a se unir a ele com todo seu ser na comunhão perpétua de uma vida divina incorruptível.” (GS, 18). E diz que “[...] há no homem uma semente de eternidade, pois o ser humano não é redutível à simples matéria que se corrompe; uma esperança se abre aos cristãos pela ressurreição de Cristo.” (LADARIA, 2003, p. 393).

Ainda citando o referido documento conciliar, Ladaria diz que: “Cristo ressuscitado a quem foi dado todo o poder no céu e na terra, suscita nos homens o desejo do mundo futuro. Enquanto ele chama alguns a dar testemunho mais explícito desse desejo dos bens que esperamos, chama outros para o serviço temporal dos homens, para que assim seja preparada a matéria do reino dos céus.” (LADARIA, 2003, p. 393).

Ladaria cita o texto da *Gaudium et Spes* onde se ressalta o “[...] valor escatológico da atividade humana no mundo [...]” (LADARIA, 2003, p. 393):

Ignoramos o tempo em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude, e também não sabemos que transformação sofrerá o universo. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passa certamente, mas Deus ensina-nos que se prepara uma nova habitação e uma nova terra, na qual reina a justiça [...]. Então, vencida a morte, os filhos de Deus ressuscitarão em Cristo e aquilo que foi semeado na fraqueza e corrupção, revestir-se-á de incorruptibilidade; permanecendo a caridade e as suas obras, todas as criaturas que Deus criou para o homem serão libertadas da escravidão da vaidade. (GS 39).

É dado ao homem pela ressurreição de Cristo o início de uma nova humanidade. A ressurreição do Filho é a prefiguração de todo homem futuro: “A ressurreição do Filho, portanto, já prefigura o chamado de todo homem: Ser imagem conforme à imagem que é Jesus Cristo.” (RUBIO, 1989, p. 165).

O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que o evento da Ressurreição de Cristo abre a possibilidade também da nossa ressurreição, o chamado para toda a humanidade de encontrar seu espaço novamente em Deus, pois Cristo é o “[...] princípio e fonte de nossa ressurreição futura.” (CEC 655). Tal realidade é confirmada pelo apóstolo Paulo que diz em sua primeira carta aos Coríntios: “Mas, na realidade, Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram [...]. Como em Adão todos morreram, assim em Cristo, todos serão vivificados.” (I Cor 15,20-22). O destino do ser humano está em participar da ressurreição do Filho, visto que todos estamos predestinados a possuir a verdadeira imagem divina de Jesus Cristo que é o primogênito em relação à nossa filiação divina. O futuro de todos os homens é serem “filhos no Filho” (GS, 22).

Ladaria afirma que: “O ápice da obra de Jesus, a plenitude da Igreja, é também a plenitude do homem. Nossa plena realização pessoal pode ser alcançada apenas ao final da obra salvífica, na vitória total de Cristo. Só a plenitude da obra de Cristo é a plenitude do homem.” (LADARIA, 1998, p. 138-139).

Boaventura Kloppenburg, por sua vez, ressalta que: “A paixão é a condição necessária do Reino de Deus; a ressurreição, por sua vez, introduz definitivamente no mundo o Reino de Deus e a Sua presença [...]” (KLOPPENBURG, 1966, p. 94). De fato, segundo São Paulo: “A morte foi tragada pela vitória. Morte, onde está a tua Vitória? Morte onde está o teu aguilhão?” (I Cor, 15, 54,55). Essa vitória é nos dada n’Ele, que é primícias dos que morreram (1 Cor 15,20). Primogênito, como diz Santo Irineu, na nova humanidade, novo Adão, vencedor e autor de nossa divinização pela sua Ressurreição.” (SANTO IRINEU apud KLOPPENBURG, 1966, p. 94).

Assumindo a existência de Cristo, o ser humano poderá participar da comunhão com Deus implicada na ressurreição de Jesus (Rm 8,11). Neste sentido Mário de França Miranda esclarece que: “[...] para a fé cristã a Cristologia é a antropologia em seu ponto máximo, e a antropologia é uma cristologia deficiente.” (MIRANDA, 2004, p.46). Daí a afirmação decisiva do Vaticano II: “Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente no mistério do Verbo encarnado. Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor.” (GS, 22). Assim, a compreensão cristã do ser humano o considera como alguém estruturalmente voltado

para Deus, à semelhança de Jesus Cristo, protótipo do homem plenificado e definitivamente salvo.

Ladaria, ao falar da parusia, diz que a mesma "[...] é ao mesmo tempo manifestação e revelação plena [da glória do Senhor] e, justamente por isso, Juiz. Jesus é o critério último da humanidade e o centro da história. Sua própria aparição significa o desvelamento da ambiguidade própria da história humana e de cada um de nós." (LADARIA, 1998, p.139).

Para Ladaria a parusia, enquanto manifestação do domínio e do reino de Cristo ressuscitado

[...] significa também a ressurreição dos homens. Em sua manifestação gloriosa, Cristo, primícias dos ressuscitados, ressuscita também a todos os seus [...]. Se na parusia o domínio de Cristo Ressuscitado alcança a sua plenitude, isso significa a ressurreição dos homens. Já sabemos que só há salvação na conformação a Jesus, e que somos chamados a carregar a imagem do homem celeste. Tudo isso só é possível na participação na ressurreição de Jesus, repletos do Espírito Santo que Jesus ressuscitado, tornado espírito que dá vida, comunica aos homens. (cf. 1 Cor 15,44-49) (LADARIA, 1998, p. 139).

Por fim, Ladaria fala da dificuldade de descrever o mundo como o cristão espera: "A afirmação da ressurreição como transformação plena do homem à imagem de Cristo ressuscitado e como participação de sua própria vida não implica que possamos saber como ela acontecerá." (LADARIA, 1998, p. 140).

A visão de Deus não ocorre apenas por meio da humanidade de Cristo, mas nessa humanidade, "[...] porque inseridos nela; nossa ressurreição, com efeito, ocorre 'no' corpo glorioso de Cristo; 'nele' temos acesso ao Pai. A humanidade glorificada de Jesus tem, pois, um significado eterno em nossa relação com Deus, a função mediadora do 'homem Cristo Jesus' (cf. 1Tm 2,5) não termina neste mundo." (LADARIA, 1998, p 144).

Assim, vê-se que Jesus inaugura a nova criação. Nele antecipa-se aquilo que cada um deverá ser, ou seja, o futuro do homem e do mundo. Em Cristo, a criação, sobretudo o ser humano, encontra a verdadeira realização. A Ressurreição de Cristo, como manifestação plena da glória de Deus, gera esperança e abre a possibilidade de restituição da imagem do homem celeste através da abertura e participação na vida de Cristo, que gera a nossa ressurreição.

3.3 – Maria: sublime identidade em antecipação

A Virgem Maria, a mãe de Jesus Cristo, é o protótipo da humanidade redimida: nela contempla-se a realização da plenitude humana. A esse respeito a carta *Recentiores*

Episcoporum Synodi sobre algumas questões respeitantes à escatologia afirma que: “A glorificação corporal da Virgem Maria se antecipa à glorificação destinada a todos os outros eleitos.” (DS 4656; RS 6). A Virgem Maria torna-se assim sinal para toda a humanidade. Ela antecipa em seu corpo o que para todos está destinado, a glorificação em Deus.

Alois Müller trabalha o tema antecipação em Maria quando diz que: “A existência de Maria parte de uma antecipação da redenção. Sua imaculada conceição e sua maternidade são, a um tempo, causa e efeito da redenção.” (MÜLLER, 1974, p. 175). Diz ainda que “Cristo foi predestinado como homem a nascer de Maria e como redentor para nos fazer participantes de sua humanidade [...]” (MÜLLER, 1974, p. 181).

Ao retratar sobre o papel histórico salvífico de Maria, Alois Müller diz que:

A reflexão católica [...] descobriu, desde seus inícios, que a verdade não se esgota na afirmação de que a maternidade de Maria preparou para o filho de Deus um corpo humano e deste modo cooperou “dispositivamente” para a encarnação redentora. Mais ainda: observou-se que existia uma vinculação estreita e essencial entre esta maternidade corporal e a relação pessoal com o Homem-Deus, e se julgou encontrar aí o cerne da encarnação. (MÜLLER, 1974, p. 72).

Já a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Concílio Vaticano II, apresenta Maria como modelo da humanidade plenamente realizada quando diz que: “A Mãe de Jesus, tal como está nos céus já glorificada de corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja como deverá ser consumada no tempo futuro. Assim também brilha aqui na terra como sinal de esperança segura e do conforto para o povo de Deus em peregrinação, até que chegue o dia do Senhor (cf. II Pd 3,10).” (LG, 68). E isso é confirmado anteriormente no mesmo documento nestes termos:

O Concílio ainda sublinha que a Mãe de Deus já é a realização escatológica da Igreja: Na Santíssima Virgem ela já atingiu aquela perfeição sem mancha nem ruga que lhe é própria (cf. Ef 5,27) [e simultaneamente, que] os fiéis ainda têm de envidar esforços para debelar o pecado e crescer na santidade; e, por isso, eles levantam os olhos para Maria, que brilha como modelo de virtudes sobre toda a comunidade dos eleitos. (LG, 65).

A esse respeito, o Documento da *V Conferência geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* afirma que a Virgem Maria “[...] é Mãe da Igreja, [...] modelo e paradigma da humanidade, é artífice de comunhão.” (Dap 268). Diz ainda que “Maria é um modelo em conformação ao projeto trinitário que se cumpre em Cristo. Desde a sua Conceição Imaculada até sua Assunção, recorda-nos que a beleza do ser humano está toda no vínculo do amor com a Trindade, e que a plenitude de nossa liberdade está na resposta positiva que lhe damos.” (Dap 141).

João Paulo II, na carta encíclica *Redemptoris Mater*, ao falar da necessidade de colocar em relevo a presença da Virgem Maria na história, afirma que, através da *Gaudium et Spes* 22, Maria é apresentada como a Mãe de Deus no Mistério de Cristo e da Igreja quando diz que:

“O mistério do homem só se esclarece verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado”, como proclama o mesmo concílio, então é necessário aplicar este princípio, de modo muito particular, àquela excepcional “filha da estirpe humana”, àquela “mulher” extraordinária que se tornou Mãe de Cristo. Só no mistério de Cristo “se esclarece” plenamente o seu mistério. Foi assim, de resto, que a Igreja, desde o princípio, procurou fazer a sua leitura: o mistério da Encarnação permitiu-lhe entender e esclarecer cada vez melhor o mistério da Mãe do Verbo Encarnado. (RM, 4).

Na *Redemptoris Mater*, João Paulo II afirma que: “Maria é introduzida no mistério de Cristo definitivamente mediante aquele acontecimento que foi a Anunciação.” (RM, 8). Tal a relevância do sim dado por Maria à indagação do Anjo (cf. Lc 1, 26-38), um sim que é parte do providente amor de Deus por toda a humanidade!

Para falar de Maria como morada criada, digna para receber o Verbo encarnado e em vista da redenção do seu povo, a Constituição *Cum Praeexcelsa* diz que “Deus onipotente cuja providência, que desde a eternidade tem guardado a humildade da mesma Virgem [...], a constituiu morada de seu Unigênito, para que dela assumisse a carne da nossa mortalidade em vista da redenção de seu povo e ela, todavia permanecesse Virgem Imaculada, também depois do parto.” (DS 1400). Por isso ela é chamada Virgem intacta, permanecendo Virgem não apenas antes, mas durante e mesmo após o parto, como é possível perceber na mencionada Constituição *Cum Praeexcelsa*.

João Paulo II, ao relatar o episódio narrado no evangelho de João (19, 25-27), que apresenta a Virgem Maria aos pés da Cruz com o discípulo amado, faz menção da presença materna de Maria na economia salvífica e diz que:

Jesus põe em relevo um vínculo novo entre Mãe e Filho, do qual confirma a solenemente toda a verdade e realidade. Pode-se dizer que, se a maternidade de Maria em relação aos homens já tinha aflorado e se tinha delineado em precedência, agora é claramente precisada e estabelecida: ela emerge da maturação definitiva do mistério pascal do redentor. A mãe de Cristo, encontrando na irradiação direta desse mistério que abrange o homem, todos e cada um dos homens, é dada ao homem, a todos e a cada um dos homens, como Mãe. (RM,23).

Assim, Maria, mãe de todos os homens, aparece como sinal concreto de esperança oferecido à humanidade, já que torna manifesta a meta última de nossa peregrinação terrena e alimenta quase visivelmente a fé em nossa ressurreição, garantida pela ressurreição de Cristo.

Para Bruno Forte, neste sentido, “[...] a figura da Virgem Mãe elevada ao Céu se torna então o compêndio da dignidade presente e futura do homem criado e redimido por

Deus, a densa demonstração de que a glória do eterno não se estabelece sobre as ruínas de sua criatura, mas que ele, ao contrário, é glorificado na glória de seus santos.” (FORTE, 1991, p. 128). Sendo assim, quando se fala de Maria e de sua sublime identidade em antecipação, é esta realidade dita por Bruno Forte que também deve ser recordada.

João Paulo II a esse respeito diz na *Redemptoris Mater* que: “Maria tornou-se a primeira entre aqueles que, servindo a Cristo também nos outros, conduzem os seus irmãos, com humildade e paciência [...]. Alcançou plenamente aquele estado de liberdade real que é próprio dos discípulos de Cristo.” (RM, 41). Por isso, como Virgem e Mãe, Maria permanece um modelo perene para a Igreja. Neste sentido João Paulo II afirma: “Sobre esse aspecto, isto é, como modelo, ou melhor, como ‘figura’, Maria, presente no mistério de Cristo, permanece constantemente presente no mistério da Igreja.” (RM, 42).

Segundo Bruno Forte, Maria é a “[...] filha de Sião escatológica na qual o povo de Israel se torna a nova criação, sem deixar de ser o povo das promessas: mistério da continuidade de estirpe na descontinuidade de graça.” (FORTE, 1991, p. 122). Ou seja, a partir da filha de Sião escatológica toda a humanidade está implicada na salvação, que é universal e oferecida a todos, talvez seja por esse motivo que a piedade popular se convencionou chamar Maria de “a mãe dos povos”.

Abordando a realidade escatológica e tendo Maria como essa sublime identidade em antecipação, Alois Müller diz que “[...] a glorificação de Maria realizou, enfim, sua condição de protótipo da Igreja. Se foi a primeira e a que em maior grau participou de Cristo, também foi a primeira e a que em maior grau participou na transfiguração de seu corpo. Ela é o modelo é como que o ‘repositório’ de toda a Igreja.” (MÜLLER, 1974, p. 175).

Diz ainda que: “A glorificação corporal de Maria: é o sinal da escolha da Igreja, o sinal de que a escatologia já começou, o sinal de que a ressurreição da Cabeça traz consigo a ressurreição de todo o corpo[...].” (MÜLLER, 1974, p. 175).

Paulo VI, na *Marialis Cultus*, Exortação Apostólica sobre o culto à Bem-Aventurada Virgem Maria, apresenta a missão da mãe de Deus como aquela que reproduz nos homens as afeições de Jesus Cristo, quando diz que:

A multifacetada missão de Maria, em relação ao Povo de Deus, é, efetivamente, uma realidade sobrenatural, operante e fecunda no organismo eclesial. E dá gosto considerar cada um dos aspectos dessa missão e ver como todos eles se orientam, cada um com a sua eficácia própria, para o mesmo fim: reproduzir nos filhos as feições do Filho primogênito. Quer dizer: a materna intercessão da Virgem Santíssima, assim como a sua santidade exemplar, a graça divina, que está nela, tornam-se motivo de esperanças superiores para todo o gênero humano. (MC, 57).

Alois Müller, ao refletir sobre o dogma da assunção da Virgem Maria, diz que este é a “[...] convicção crente da consumação escatológica do ser humano. [Diz ainda que] o que é de se esperar para todos os homens, vida íntegra, imperdível, consumada em corporalidade na comunhão com o Deus Trino, a Igreja já crê realizado em Maria.” (MÜLLER: SATTTLER, 2001, p. 169).

Ainda a respeito da consumação escatológica de Maria, Alois Müller diz que:

A consumação escatológica de Maria em sua corporalidade humano-global tem por condição para sua possibilidade a misericordiosa iniciativa salvífica de Deus. A confissão de fé em um Deus que quer viver em comunhão consumada com suas criaturas encontra no discurso da *assumptio* de Maria uma concretização capaz de fortalecer a confiança de que o amor de Deus capacita seres humanos a se abrirem a sua escatológica vontade salvífica. Desse modo Maria é apresentada aos olhos da comunhão dos fiéis como sinal de esperança. que não quer ser entendido de modo exclusivo, mas exemplar: assim como Deus agiu em Maria, ele age em todas as pessoas que não se fecham a sua misericórdia. (MÜLLER; SATTTLER in SCHNEIDER, 2001, p. 169).

Maria é a antecipação da identidade plena de cada homem, nela encontramos a revelação do ser humano à luz do mistério de Cristo. Para tal realização Maria, embora preservada do pecado original, contou com a misericordiosa iniciativa de Deus.

Pio XII, na sua Constituição Apostólica *Munificentissimus Deus*, confirma que Maria, a Virgem Mãe de Deus, preservada do pecado original desde sua concepção é modelo para a humanidade e antecipação da revelação plena da identidade humana, para isso, Pio XII elucida que:

Cristo com a própria morte venceu a morte e o pecado, e todo aquele que pelo batismo de novo é gerado, sobrenaturalmente, pela graça, vence também o pecado e a morte. Porém Deus, por lei ordinária, só concederá aos justos o pleno efeito desta vitória sobre a morte, quando chegar o fim dos tempos. Por esse motivo, os corpos dos justos corrompem-se depois da morte, e só no último dia se juntarão com a própria alma gloriosa. (MD, 4).

Tendo esse pressuposto, Pio XII afirma que Deus quis excetuar dessa lei geral a Mãe de seu Filho que: “Por um privilégio inteiramente singular [...] venceu o pecado com a sua concepção imaculada; e por esse motivo não foi sujeita à lei de permanecer na corrupção do sepulcro, nem teve de esperar a redenção do corpo até ao fim dos tempos.” (MD, 4). Assim Maria, que “[...] durante a sua peregrinação terrestre, levou vida cheia de cuidados, angústias e sofrimentos; e que, segundo a profecia do santo velho Simeão, uma espada de dor lhe traspassou o coração, junto da cruz do seu divino Filho e nosso Redentor.” (MD, 14), torna-se o protótipo para cada homem, a esperança escatológica de uma humanidade que peregrina em busca da sua verdadeira identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a intenção de articular a realidade da identidade do homem à luz do ministério de Cristo, a presente síntese considerou conceitos a partir da ideia central da *Gaudium et Spes* 22. A partir da pesquisa bibliográfica e na consideração do tema diante dos desafios da sociedade atual, percebeu-se a necessidade de integração da identidade pessoal de cada homem por conta das vivências desintegrantes, sejam elas por conta do individualismo, consumismo, imediatismo, tão presentes na sociedade atual.

Partindo da ideia central da *Gaudium et Spes*, que diz que “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem”, procurou-se demonstrar através de pesquisa bibliográfica a plausibilidade da afirmação. E de fato, é possível considerar que para o cristão há sentimento de pertença a este evento que o transcende, que é o evento Cristo, conscientiza-o de sua vocação a realidades sublimes e permanentes, como um contraditório às realidades provisórias tão presente na sociedade atual e já mencionadas na *Gaudium et Spes*. Nisto o cristão tem muito a contribuir com a sociedade, pois reestruturar a própria identidade é para todos, e porque também este era o escopo querido pela *Gaudium et Spes*, colocar a Igreja em diálogo com as diversas realidades a partir de Cristo.

Percebeu-se no decorrer do trabalho que, de fato, com o mistério da Encarnação, o ser humano encontra a resposta que parecia estar à procura, deduzindo-se assim que o fundamento da vida humana está na presença de Deus em meio à humanidade, presença essa que se concretiza no Cristo, o filho de Deus.

Considerou-se também, para se falar da identidade do homem à luz do mistério de Cristo, o Sacramento do Batismo. A problemática implícita a este tema é o da falta de consciência do que este sacramento é. Como a monografia é em chave especificamente cristã, fica a pergunta sobre o motivo pelo qual muitos batizados, uma vez inseridos na vida de Cristo, não vivem toda a plenitude expressada ao longo do trabalho. Obviamente, a resposta é aquela ligada a uma vida fragmentada.

Considerada a realidade do batismo, ponderou-se também que, por meio da humanidade de Cristo, no ser humano age o divino e no finito o infinito. E assim percebe-se que o mistério da identidade do homem com toda a sua complexidade e na sua integridade, se revela a luz do mistério de Cristo, como visto na *Gaudium et Spes* 22.

Sendo assim, é possível dizer que o homem, peregrino neste mundo, encontra em Cristo sua verdadeira identidade em vista do que virá na eternidade, pois será um “novo céu e na nova terra” (1 Pd 3,13) que ele poderá encontrar a plenitude de sua vocação,

onde Cristo será tudo em todos” (I Cor 15,28). A virgem Maria, com seu corpo glorioso, é a esperança dessa humanidade que caminha em busca de sua verdadeira identidade. Ela é sinal para todos os eleitos de que a peregrinação da humanidade tem seu fim último em Cristo Jesus.

Ao homem cristão dos nossos tempos, uma vez que sua identidade de batizado tem sua plenitude do mistério do Cristo, recomenda-se abertura para o mistério de Cristo como realidade existencial e não meramente especulativa. Pois, de acordo com as conjecturas teológicas vistas ao longo da presente monografia, a Encarnação é real, o Cristo é real, e é na vida real que se forja a identidade do tão falado homem novo.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Karl. **Jesus Cristo**: Conferências sobre a fisionomia humana e divina de Cristo. 2. ed. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.
- BARTH, Karl. **Dogmática Eclesiástica**. Tradução de Airton Willians. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- BENTO XVI. **Audiência Geral**. 09 de janeiro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2013/documents/hf_ben-xvi_aud_20130109.html. Acesso em: 11 de ago. de 2021.
- BENTO XVI. **Audiência Geral**. 24 de maio de 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/audiences/2006/documents/hf_benxvi_aud_20060524. Acesso em: 09 de ago. de 2021.
- BENTO XVI. *Spe Salvi*. Carta Encíclica sobre a esperança cristã, São Paulo: Paulinas, 2007.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução da CNBB. 2. ed. Brasília: CNBB, 2019.
- CARDEDAL, Olegario Ganzález. **Cristologia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.
- CELAM, **Conclusões de Medellín**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CIOLA, Nicola. **Introdução à Cristologia**. Tradução de Paolo Guglielminetti. São Paulo: Loyola, 1992.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Dignidad y derechos de la persona humana**. 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1983_dignita-diritti_sp.html. Acesso: em 17 de ago. de 2021.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. **Teologia da Redenção**. Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Loyola, 1997.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina**. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 119-139.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje**. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 141-256.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral *Lumen Gentium* sobre a Igreja no mundo de hoje.** In: COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 37-117.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição pastoral *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia.** In: COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 257-306.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. ***Recentiores Episcoporum Synodi*. Carta sobre algumas questões respeitantes à escatologia.** 17 maio de 1979. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19790517_escatologia_po.html. Acesso em 06 de set. 2021.

DARLAP, Adolf. Teologia fundamental da história da salvação. In: FRIES, H. (org.). **Conceito Católico de Revelação.** Petrópolis: Vozes, 1971. *Mysterium Salutis* I/1.

DE LUBAC, Henri. **Catolicismo. Aspectos sociales del dogma.** Madrid: Encuentro, 1988.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral.** Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

DOCUMENTO DE APARECIDA, **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino - americano e do Caribe.** 13-31 de maio de 2007. 2. ed. CNBB, São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

FORTE, Bruno. **A Igreja. Ícone da Trindade.** Tradução de Marcos Marcionilo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério.** Ensaio de Mariologia simbólico-narrativa. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1991.

GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (org.). **Concílio Vaticano II: análise e perspectivas.** São Paulo: Paulinas, 2004.

GROSS, Henrich. Exegese teológica de Gênesis 1 – 3. In: FRIES, H.; LOEHRER, Magnus (org.). **A História salvífica antes de Cristo.** Petrópolis: Vozes, 1972. *Mysterium Salutis* II/2.

JOÃO PAULO II. **Abri as portas ao Redentor.** Bula de proclamação do Jubileu pelo 1950º aniversário da Redenção. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1983a.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica *Salvifici Doloris*.** O sentido cristão do sofrimento humano. 10ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Fides et Ratio*.** São Paulo: Paulinas, 1998.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptor Hominis*.** 5. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Redemptoris Mater*.** 10. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II. **Discurso do Papa João Paulo II aos membros da Comissão Teológica Internacional**. 5 de Dezembro de 1983b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paulii/pt/speeches/1983/december/documents/hf_jp-ii_spe_19831205_commissioneteologica.html. Acesso em: 17 de ago. de 2021.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Veritatis Splendor***. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1993.

KESSLER, Hans. Cristologia. Tradução de Luís M. Sander. In: SCHNEIDER, T. (org). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 219-400. v. I.

KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II: Quarta Sessão (set./dez. 1965)**. Petrópolis: Vozes, 1966. v. 5.

LADARIA, Luis F. Fim do homem e fim dos tempos. In: SESBOÛE, Bernard (org.). **O Homem e sua salvação**. São Paulo: Loyola, 2003. História dos dogmas, v. 2. p. 345-397.

LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e Verdadeiro**. O mistério da Trindade. Tradução de Paulo Gaspar de Meneses. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

LITURGIA DAS HORAS. Petrópolis: Vozes, 1999. v. I.

LOPES, Geraldo. ***Gaudium et Spes*: texto e comentário**. São Paulo: Paulinas, 201.

MIRANDA, Mario de França. **A salvação de Jesus Cristo**. A doutrina da Graça. .3. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

MÜLLER, Alois. O lugar de Maria e sua cooperação no evento Cristo In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Atuação salvífica de Deus em Cristo**. Tradução de Dom Mateus Rocha, O.S.B. Petrópolis: Vozes, 1974. *Mysterium Salutis* III/7.

MÜLLER, Alois; SATTLER, Dorothea. Mariologia. Tradução de Ilson Kayser. In: SCHNEIDER, T. (org). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2001. v. II. p. 143-170.

MÜLLER, Gerhard Ludwig. **Dogmática Católica. Teoria e prática da Teologia**. Tradução de Paulo Ferreira Valério, Vilmar Schneider e Volney Berkenbrock. Petrópolis: Vozes, 2015.

OÑATIBIA, Ignacio. **Bautismo y Confirmación. Sacramentos de iniciación**. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000. (Sapientia Fidei – Serie de Manuales de Teología).

PAULO VI. **Exortação apostólica *Marialis Cultus***. Para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à bem-aventurada Virgem Maria. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_pvi_exh_19740202_marialis-cultus.html. Acesso em: 08 de set. de 2021.

PAULO VI. **Mensagem de Rádio de Natal**. 23 de Dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paulvi/it/speeches/1965/documents/hf_pvi_spe_1961223_radiomessaggio.html. Acesso em: 25 de ago. de 2021.

PEÑA, Juan Luis de. **Criação, Graça e Salvação**. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

PENIDO, Mons. Dr. M. Teixeira Leite. **O Mistério de Cristo**. São Paulo: Nebli, 2015.

PIO XII. **Constituição apostólica *Munificentissimus Deus***. Sobre a definição do dogma da Assunção de Nossa Senhora em corpo e alma ao céu. Disponível em: https://www.vatican.va/content/piusxii/pt/apost_constitutions/documents/hf_pxiI_apc_19501101_munificentissimus-deus.html. Acesso em: 08 de ago. de 2021.

RATZINGER, J. **Introdução ao Cristianismo**. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. Tradução de Alfred J. Keller. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. Tradução de Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

REIMER, Haroldo. **Inefável e sem forma: estudos sobre o monoteísmo hebraico**. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2009.

RIBEIRO, Hércion. A relação lúdica entre Deus e o homem: meditação natalina a partir da antropologia teológica. *REB*, fasc. 212, v. 53, p. 900-915, dez. 1993.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Elementos de Antropologia Teológica: Salvação Cristã: salvos de quê e para quê?** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

RUBIO, Alfonso Garcia. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristã**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANTO IRINEU. Tratado contra as heresias. *In Liturgia das Horas*, São Paulo: Paulus, 1999. v. III. p. 207-208.

SCHARBERT, Josef. História e economia da salvação. *In: FRIES, H. (org.). A História salvífica antes de Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1984. *Mysterium Salutis* II/4.

SCHULTE, Raphael. Momentos parciais da Igreja como instituição. *In: FRIES, H. (org.). A estrutura sacramental da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977. *Mysterium Salutis* IV/4.

SUSIN, Luis Carlos. Para conhecer Deus é necessário conhecer o homem: antropologia teológica conciliar e seus desdobramentos na realidade brasileira, *In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATTO, Vera Ivanise (org.). Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 369-388.

TILLARD, J. M. A Igreja e os valores terrestres. *In: BARAÚNA, G. A Igreja no Mundo de Hoje*. Petrópolis: Vozes, 1967.

ZILLES, Urbano. **Antropologia teológica**. São Paulo: Paulus, 2011.